

O TERCEIRO TRAVERSEIRO

*Adaptação do livro O TERCEIRO TRAVERSEIRO de Nelson Luiz de
Carvalho*

AUTOR: M. A. Q. CAVALCANTE



PEÇA DE TRÊS ATOS

PERSONAGENS:

MARCUS - 16 / 17 ANOS.

RENATO - 19 / 20 ANOS.

GIORGIO - PAI DO MARCUS.

ANA - MÃE DO MARCUS.

CARLOS - IRMÃO DE RENATO, 26 ANOS.

BEATRIZ – EX-NAMORADA DE RENATO E AMANTE DE MARCUS, 18 ANOS.

PERSONAGENS SECUNDÁRIOS:

ANTÔNIO - PADRE.

INÊS - MÃE DE RENATO.

FRANCESCO - VÔ DE MARCUS.

JÚLIO - PAI DE RENATO.

LÚCIA - NOIVA DE CARLOS.

RONALDO - RECEPCIONISTA DA POUSADA.

LEONARDO - IRMÃO VELHO DE BEATRIZ.

NARCISO – PAI DA BEATRIZ.

NEUSA – MÃE DE BEATRIZ.

CENÁRIO:

- PRIMEIRO ATO: CENA DE SALA DE ESTAR, COM UMA MESA DE BEBIDAS, DOIS SOFÁS (SOFÁS-CAMA), TAPETE, TELEFONE, SOM E UMA MESA DE JANTAR.
- SEGUNDO ATO: DUAS CAMAS (SOFÁ-CAMA), MESA COM TRÊS CADEIRAS, TELEFONE E SOM.
- TERCEIRO ATO: O MESMO DO PRIMEIRO ATO.

FIGURINO: ÉPOCA ATUAL

PRIMEIRO ATO

(Levanta o pano. Luzes normais. Sala de estar. Marcus e Renato estudando nos livros, sentados no chão, lendo. Marcus olhando com paixão para Renato que está lendo, absorvido. Marcus desvia o rosto e Renato repara).

Renato: Cara, onde é que você está?

Marcus: *(saindo do transe)* Estou aqui, Renato.

Renato: *(se levantando e arrumando o material)* Eu sei que você está aí. Estou dizendo para você prestar atenção. Bom, de qualquer forma, acho que estamos prontos para a prova de português na segunda-feira e, mudando de assunto, vamos à festa de Cláudia no sábado? Vai ter muita mulher e podemos descolar alguma coisa. *(Chegando no lado esquerdo)*

Marcus: Fechado Renato. Passa aqui as nove da noite.

Renato: Valeu cara. Tchau. *(Sai pelo lado esquerdo)*

(Toca o telefone. Marcus atende).

Marcus: Alô? Oi Beatriz. Como? Se Renato e eu iremos à festa da Cláudia? Sim, acabamos de combinar. Com certeza. Como? Esticarmos a noite depois da festa? Ah tá, você vai estar acompanhada da Sônia. E você quer que eu fique com ela e você com o Renato? Por mim, tudo bem, eu topo. Agora, o Renato vai depender... Ok. Combinado. Tchau. *(Desliga o telefone).*

(Blecaute. Pausa. Luzes normais. Bate a porta. Marcus entra pelo lado direito e vai atender a porta pelo lado esquerdo).

Renato: *(entra pelo lado esquerdo)* Não poderemos ir. O Carlos deu para trás. Não vai poder emprestar o carro.

Marcus: *(acompanhando Renato)* Mas o seu irmão não disse que ia emprestá-lo?

Renato: Disse, mas ele vai levar a Lúcia ao teatro e depois vão jantar.

Marcus: Então, vamos de táxi?

Renato: De táxi? Você está louco! Se arrumarmos um programa, como vamos sair?

Marcus: É verdade. Você tem razão. E o seu pai não empresta o dele?

Renato: Eles também saíram. Foram a uma churrascaria com um casal de amigos e vão demorar a voltar. *(lembrando)* Já sei, Marcus. Vamos até uma danceteria?

Marcus: Danceteria?

Renato: É, a gente pode curtir o lugar numa boa, dançar bastante e ainda podemos arrumar duas garotas que estejam de carro. O que você acha? Vamos?

Marcus: *(desanimado)* Sim, pode ser.

Renato: Que foi? Não gostou da idéia?

Marcus: Gostei, Renato.

Renato: Escreve o que eu estou falando, Marcus, se formos sem carro à festa da Cláudia, nós vamos ficar na mão. *(sem jeito)* Ah, Marcus. Será que eu poderia tomar um banho aqui? Eu fiquei mó suado quando estava vindo aqui.

Marcus: Claro. Pode ir lá dentro e ficar à vontade.

Renato: Valeu. *(Sai pelo lado direito)*

(Marcus na sala, sozinho. Vai até as bebidas e prepara um uísque. Depois até o aparelho de som e coloca um cd. Toca a música THE GREAT PRETENDER. Dança, ao som da música, imaginando, tomar banho com Renato, ficando cada vez, excitado).

Renato: *(entra pelo lado direito de toalhas na cintura)* Marcus? Você usou aquela calça jeans, aquela que levantava a bunda que deixava as mulheres enlouquecidas?

Marcus: Sim. Usei. Está sendo lavado. Você quer um pouco de uísque?

Renato: Que pena. Quero um gole sim, Marcus. *(bebe um gole de uísque)*

Marcus: Você é um cara muito bonito, Renato.

Renato: Você acha mesmo, Marcus?

Marcus: *(dá um sorriso)* Você me daria um beijo?

Renato: Se você me perguntar de novo, prometo que pensarei no assunto.

Marcus: Você me daria um beijo? *(se aproxima de Renato e começa a acariciar o peito de Renato)*

Renato: *(abalado)* O que você está fazendo, cara? Você está louco?

Marcus: Completamente.

(Renato fica quieto, fecha os olhos. Marcus continua a alisar o peito dele e começa a beijar. Marcus faz com que Renato se deite no chão e recomeça a beijar toda a parte do corpo. Chega até o rosto e começa a beijar na boca. As luzes vão diminuindo de intensidade até escurecer. Blecaute. Pausa. Luzes normais. Giorgio e Ana do Marcus em cena. Entra Marcus pelo lado direito).

Marcus: *(contente, radiante)* Bom dia, pai. Bom dia, mãe.

Ana: Você está bem, filho?

Marcus: Estou ótimo, mãe. Se melhorar estraga.

Giorgio: O que aconteceu de tão especial nesta noite, Marcus?

Marcus: Nada, pai. É que hoje eu estou me sentindo muito bem.

Giorgio: *(sorrindo)* Qual o nome dela, filho?

Marcus: O nome dela, pai?

Giorgio: É, o nome dela?

Marcus: Eu não sei, pai.

Giorgio: Como não sabe?

Marcus: Eu me esqueci de perguntar.

(Giorgio cai nas gargalhadas. Marcus sai pelo lado direito. Toca o telefone. Ana atende).

Ana: Alô? Oi, querido. Como vai? Sim, ele está aqui sim. Um momento que vou chamar ele. *(Chama)* Marcus?

Marcus: *(fora de cena)* Sim, mãe?

Ana: O Renato está no telefone. Você fala agora ou peço para ligar mais tarde?

Marcus: *(voltando com um sanduíche na mão)* Não, mãe. Eu falo com ele agora. *(pega o telefone)* Renato? É o Marcus. Tudo bem? Você quer conversar comigo agora? Tudo bem. Como você quer fazer? Aqui em casa? Pode ser. Meus pais vão sair para trabalhar daqui a pouco. Certo. Estarei te esperando. Em meia hora? É pouco tempo. Acabei de acordar e nem tomei banho. Que tal daqui a duas horas? Combinado. Até lá. *(desliga o telefone)*

Giorgio: Só você, filho!

Marcus: *(comendo o lanche)* Só eu o quê, pai?

Giorgio: De não perguntar o nome da moça.

Marcus: *(surpreso)* O senhor ainda está lembrando disso?

Giorgio: *(dá um sorriso)* Sua mãe e eu vamos almoçar em Embu. Você quer vir com a gente?

Marcus: Não dá, pai. O Renato está precisando falar comigo.

Giorgio: Tudo bem. Então, nós vamos indo, Marcus. Tenha um bom dia.

Ana: Cuida-se, meu amor.

(Giorgio e Ana saem pelo lado esquerdo. Blecaute. Pausa. Luzes normais. Renato e Marcus em cena, sentados no sofá).

Marcus: Tudo bem, Renato?

Renato: Tudo bem, Marcus.

Marcus: O que está acontecendo, Renato? *(Sem resposta)*
Você está chateado comigo?

Renato: Não.

Marcus: Sabe, Renato, eu gosto de você há pelo menos dois anos. No começo, não sabia definir direito esse sentimento e por causa disso muita confusão rolou na minha cabeça. Na verdade, você me dava muito tesão, só que eu não queria aceitar isso; mas a vida fez com que esse sentimento crescesse dentro de mim de uma tal maneira que, querendo ou não, você á fazia parte da minha vida, mesmo sem saber.

Renato: *(respira fundo)* Como você conseguiu controlar esse desejo por tanto tempo?

Marcus: Nem sempre consegui. No começo, bastava bater uma pensando em você, mas depois...

Renato: Mas depois, o quê?

Marcus: Mas depois só isso não bastava, e aí comecei a forçar certas situações no nosso dia-a-dia a fim de poder te sentir mais.

Renato: Não entendi, Marcus.

Marcus: Estou falando de contato físico, Renato.

Renato: Como assim, Marcus?

Marcus: O futebol de salão é uma delas. Eu sempre quis jogar no time adversário ao seu, só para poder entrar em dividida com você. *(Renato fica admirado)* De que outra maneira eu poderia encontrar o seu corpo no meu com tamanha intensidade? Sem contar que na dividida é um 'vale-tudo'. *(começa a rir)*

Renato: Do que você está rindo, Marcus?

Marcus: Lembra da sua cueca que sumiu no acampamento?

Renato: Não, você não fez isso...

Marcus: Fiz, Renato. Fui eu quem a pegou.

Renato: *(dá risadas)* E eu achei que tivesse sido a Beatriz. E o que você fez com a minha cueca?

Marcus: Nada de mais, eu só queria ter alguma coisa sua. *(Renato está bem à vontade)* Vamos falar um pouco de você?

Renato: *(sorrindo)* Como são as coisas, não? A gente tem amizade há tanto tempo, e a impressão que eu tenho é a de que estamos nos conhecendo agora. O meu caso é um pouco diferente do seu. Você sabe que eu curti bastante o que rolou ontem entre a gente, só que eu nunca associei esses sentimento a alguém do sexo masculino. *(Marcus fica confuso)* Eu não sei se é normal, acho que não é, mas numa relação sexual, eu tenho tesão na frente, como atrás. Eu adoro quando uma mulher me chupa, mas também adoro quando sou chupado atrás. A diferença entre a gente, Marcus, é que eu nunca imaginei ser chupado por um homem.

Marcus: Isso quer dizer que eu dancei, Renato?

Renato: Não, Marcus. Isso quer dizer que você me deixou uma confusão enorme na minha cabeça, pois mesmo tendo tesão atrás, nunca me senti homossexual por isso.

Marcus: Renato, se ontem fosse a Beatriz que tivesse te chupado, seria a mesma coisa?

Renato: Não, não seria a mesma coisa. Eu gostei de ficar com você.

Marcus: Como você poderia ter tanta certeza disso?

Renato: Porque o que você e eu fizemos ontem, eu já fiz inúmeras vezes com a Beatriz, e pode ter certeza de que é diferente. *(Vai até a mesa pegar uma bebida que divide com Marcus e senta novamente no sofá).*

Marcus: Renato, você sempre me viu como amigo? Quero dizer, você nunca pensou em nada diferente?

Renato: Eu sempre o achei um cara bonito, Marcus, mas até ontem nada de diferente entre nós passava pela minha cabeça.

Marcus: E hoje?

Renato: *(sorrindo)* Hoje já passa. *(termina de beber)* Sabe o que eu acho, Marcus? No fundo, nós dois somos exatamente iguais. Ontem à noite eu também tive vontade de tocar em você, e só não fiz isso porque me faltou coragem.

(Se encaram e começam a se acariciar. Beijos na boca. A luz diminui de resistência. Blecaute e de repente, luzes normais. Marcus e Renato, exaustos, no sofá, dando a idéia de que transaram o que realmente aconteceu).

Renato: Você está legal?

Marcus: Muito.

Renato: Você gozou, Marcus?

Marcus: Não, mas eu já estou acostumado.

Renato: Como está acostumado?

Marcus: É a Segunda vez que a gente sai e que eu não gozo. *(Os dois caem nas risadas. Breve silêncio)* Você quer ser meu namorado?

Renato: Eu só vou responder se você fizer essa pergunta olhando para mim e não para o teto, Marcus.

Marcus: *(olha para o rosto de Renato)* Você quer ou não?

Renato: Quero, lógico que quero. Agora você é meu, só meu. *(pausa)* O que nós vamos fazer agora, Marcus?

Marcus: Já que você não me fez gozar, eu iria sugerir que tomássemos um banho.

Renato: Eu estou falando sério, Marcus.

Marcus: Eu também, Renato. *(Caem nas risadas)* Agora que estamos juntos, nós temos o mundo todo pela frente e ninguém precisa saber o que rola entre a gente.

Renato: Mas e se as pessoas desconfiarem de alguma coisa, Marcus?

Marcus: Desconfiar do quê? Nós somos grandes amigos. Sempre fomos. E tem mais, Renato, nós não somos afeminados e nunca seremos.

Renato: Talvez você tenha razão, Marcus, mas será que a gente consegue levar tudo isso numa boa?

Marcus: Eu não tenho dúvida e acho que você está se preocupando demais.

Renato: Você está certo, Marcus. Esqueça o que eu falei.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Bandeja de café em cima da mesa de jantar. Marcus dormindo no sofá. Renato entra pelo lado direito e beija Marcus no rosto para acordar ele).

Renato: Dormiu bem, Marcus?

Marcus: *(acordando)* Muito bem e você?

Renato: Dormi abraçado a um anjo. O que é que você acha?

Marcus: *(sem graça)* Você tomou banho de perfume?

Renato: Sim, porque? Está tão forte assim?

Marcus: Um pouco. *(vai até a mesa de jantar, tomar café da manhã com Renato sentando também)* Eu quero viver com você, Renato.

Renato: Mas nós estamos vivendo juntos, Marcus.

Marcus: Estou falando na mesma casa.

Renato: *(olha nos olhos de Marcus)* Você tem idéia do que está falando, Marcus?

Marcus: Tenho mais do que idéia, Renato. Tenho a certeza daquilo que quero na vida. E na vida eu quero você.

Renato: *(beija ele no rosto)* Eu também quero viver ao seu lado, mas para isso nós precisaríamos abrir o jogo aos nossos pais, e aí a barra pode pesar.

Marcus: Eu sei que pode pesar, mas não vejo outro jeito.

Renato: Por que você mudou de opinião tão de repente?

Marcus: Não foi tão de repente assim. Eu já venho pensando nisso há algum tempo.

Renato: *(dá um sorriso)* Confesso a você que também já sonhei com essa possibilidade, mas...

Marcus: *(interrompe Renato)* Se os meus pais me apoiarem, nós teremos um apartamento para morar e dinheiro para vivermos bem até que possamos arrumar emprego, Renato.

Renato: Acho que você está sonhando demais, Marcus!

Marcus: Não estou não, Renato. Além de dinheiro, meu pai tem alguns apartamentos alugados e pode ter certeza, para ele não representaria nada financeiramente arrumar um apartamento de graça para a gente morar.

Renato: Eu não sabia que o senhor Giorgio estava tão bem assim, mas não é isso que estou falando, Marcus. O que... *(Marcus tenta interrompe novamente, mas não deixa)* Eu acho, Marcus, que três coisas vão pegar. Primeiro é a sua idade, você só tem dezesseis anos; em segundo, você é filho único e em terceiro, eles não vão aceitar a idéia de que o filho deles é um... você entendeu.

Marcus: Só que eu sou, Renato, e ninguém pode mudar isso. Se os meus pais souberem da verdade agora ou daqui a dois ou três anos, para eles vai dar no mesmo; agora para nós, isso representa mais três anos perdidos. *(chega mais perto de Renato)* Renato, eu não vou pedir nada a eles agora. A única coisa que eles saberiam seria da minha opção sexual. Feito isso, o tempo se encarregaria do resto.

Renato: E se eles não aceitarem essa nova situação, Marcus?

Marcus: Eu prefiro não pensar nisso, Renato, mas se acontecer e você gostar de mim do jeito que eu gosto de você, só teria um jeito, cara, colocar a mochila nas costas e meter o pé na estrada.

(Blecaute. Pausa longa. Giorgio e Ana em cena, Giorgio lendo jornal e Ana fazendo tricô. Entra Marcus pelo lado direito).

Marcus: Pai, mãe, eu preciso falar com vocês.

Ana: Pode falar, filho.

Marcus: Pai, mãe, não é assim que eu quero falar.

Giorgio: *(preocupado)* Aconteceu alguma coisa, filho? Fala, filho! Aconteceu alguma coisa?

Marcus: Aconteceu, pai, ou melhor, vem acontecendo. *(Giorgio e Ana ficam assustados. Ana começa a esfregar as mãos uma na outra)* O que tenho para falar é muito sério, e nem sei como começar.

Giorgio: Você está envolvido com drogas, meu filho?

Ana: Não, não pode ser isso.

Giorgio: *(à Ana)* Fica quieta, Ana. É ele quem deve responder isso.

Marcus: Pai, mãe, não briguem agora. Essa situação é muito difícil para mim.

Giorgio: Fala, filho, o problema é esse mesmo?

Marcus: Não, pai, não está envolvido com drogas.

(Os pais ficam aliviados)

Giorgio: Filho pode falar o que é. A minha preocupação maior era o seu envolvimento com drogas, e já que bicha você também não é, não existe nada pior.

Ana: *(pegando o telefone)* Você está fazendo tempestade no copo d'água, Marcus. Eu vou ligar para uma pizzaria. Devo pedir pizza de calabresa, Giorgio?

Giorgio: Sim, pode ser.

Marcus: *(brabo)* Mãe, desliga esse telefone, agora!

Giorgio: Não grite assim com sua mãe.

Marcus: Vocês não estão me deixando falar, pôxa.

Giorgio: Então, fala de uma vez, caramba.

Marcus: Eu sou homossexual, pai!

Giorgio: *(Ana começa a chorar. Giorgio fica surpreso, como que não entendendo nada)* Você é bicha?

Marcus: Pai, não use essa palavra.

Giorgio: *(gritando)* E o que importa a palavra? O que importa é que você gosta de homem. Meu Deus! Meu filho é uma bicha. Quer ser mulher.

Marcus: Pai, eu não quero ser mulher.

Giorgio: Cala a sua boca! *(dá um soco no Marcus).*

(Giorgio ainda soca Marcus. Ana tenta ajudar Marcus, fazendo com que Giorgio pare de bater. Marcus consegue escapar e sai pelo lado direito. Bleaute com os gritos de Giorgio em som alto. Pausa longa. Luzes normais. Em cena, apenas a Ana, sentada tomando café. Entra Marcus pelo lado direito com ar de que apanhou).

Marcus: Mãe?

Ana: Oi, meu filho. Você quer café com leite ou chocolate?

Marcus: Café com leite, obrigado. Mãe, e o pai?

Ana: *(serve o café com leite para Marcus)* Foi trabalhar, Marcus. *(fica de cabeça baixa)*

Marcus: Mãe, nós precisamos conversar. A senhora está muito chateada comigo?

Ana: Não meu filho. Estou pensando onde foi que eu errei.

Marcus: Mãe, a senhora e o papai não erraram em nada. Ninguém escolhe ser assim. Não é uma questão de educação. É uma coisa que vem de dentro da gente.

Ana: *(olha bem para o Marcus)* O Renato também é?

Marcus: Ele também é, mãe. Na verdade, nós estamos juntos.

Ana: Como juntos, meu filho?

Marcus: Juntos, mãe.

Ana: Então foi o Renato que te levou para esse caminho sem Deus, filho?

Marcus: Não, mãe. Ninguém levou ninguém a lugar nenhum. Eu e o Renato somos exatamente iguais. E também não me considero sem Deus no coração.

Ana: Isso que você quer fazer, Marcus, é errado. Deus não aceita.

Marcus: Mãe, não é uma questão de querer, e sim de ser. Eu sou assim, nasci assim.

Ana: Você não sabe o que está dizendo, filho. Você não nasceu desse jeito e não vai viver desse jeito. Qual a religião do Renato?

Marcus: Acho que é católica, mãe. Por quê?

Ana: Sabe, Marcus, eu acho que esse desvio moral só aconteceu com você porque está muito distante de Deus. Não vai a uma igreja, não reza, não participa dos centros comunitários...

(Toca a campainha. Ana vai atender à porta no lado esquerdo. Pausa. Entra Ana acompanhada do Antônio).

Marcus: Tudo bem, padre? *(se levanta e vai até o padre que se senta na sala. Ana sai pelo lado direito).*

Antônio: Tudo em ordem, meu filho. Sua mãe me procurou hoje bem cedo a respeito da conversa que vocês tiveram ontem à noite, e é sobre isso que eu gostaria de falar com você, Marcus. *(Marcus fica impressionado)* Sabe,

Marcus, isso que você quer fazer não pertence ao plano de Deus. Deus com certeza não quer isso para o homem. Deus criou a espécie humana em dois gêneros: masculino e feminino e, portanto, como você pode ver, não foi criado por deus um terceiro gênero. Masculino e feminino são expressões complementares daquilo que é próprio de Deus. Sabe, Marcus, o direito canônico de 1913, que é anterior ao código atual, diz que o casamento tem como fim primário a geração de filhos e a educação da prole. Como fim secundário vem o bem dos esposos. O novo código possui uma vertente mais personalista em que o casamento visa, como fim único, o bem dos esposos, a geração dos filhos e a educação da prole. O sexo, Marcus, que é próprio do ser humano e não de Deus, não pode ser praticado de forma mecânica. O sexo só é aceito no casamento, no qual já existe estabilidade de união, de vínculo de amor, de amizade e de afeto, ou seja, o sexo é uma expressão daquilo que na realidade já existe.

Marcus: O senhor está dizendo que perante Deus é errado ser homossexual?

Antônio: *(pensa antes de responder)* Às vezes uma amizade profunda, Marcus, pode se tornar dependência afetiva. Por isso, é importante refletir bastante para que as coisas não se misturem.

Marcus: Padre, é errado ser homossexual?

Antônio: É ilícito ser homossexual. A homossexualidade é uma etapa que estacionou e não chegou a se completar, em que não houve uma vertigem pelo feminino. Eu diria que é uma fase homófitas.

Marcus: É errado tentar ser feliz, padre?

Antônio: Claro que não, Marcus. É próprio do ser humano buscar a felicidade. Agora, temos que aprender a controlar nossos impulsos, não deixando em livre curso todas as vontades. O prazer é inerente à sexualidade, porém não é correto buscar prazer pelo prazer. Gostaria de fazer um convite. Venha participar mais da igreja, como também dos grupos de trabalho dentro dela. Mas antes de eu ir devo deixar bem claro de que a única coisa o qual você não pode participar seria a eucaristia. Ou, trocando de palavras comuns, você está proibido de receber a hóstia.

Marcus: Sim, senhor. *(Acompanha Antônio até o lado esquerdo mas sem sair)*

Antônio: Marcus?

Marcus: Sim, padre?

Antônio: Venha até aqui, meu filho. Por favor. *(Marcus vai até o Antônio que lhe segura as mãos)* Tudo o que nós falamos também se aplica ao seu amigo. Qual é o nome dele, filho?

Marcus: Renato, padre.

Antônio: Pois bem, eu gostaria que você refletisse sobre tudo aquilo de que nós falamos, e junto com seu amigo Renato fosse visitar a nossa paróquia.

Marcus: Tudo bem, padre. Eu prometo pensar. Tenha um bom dia, padre.

(Sai o Padre Antônio pelo lado esquerdo. Marcus fica sozinho. Bleaute. Pausa. Luzes normais. Ana está em cena, arrumando a sala. Giorgio entra).

Giorgio: E aí, Ana, como está o rapaz?

Ana: Ele está bem. Não foi para o colégio.

Giorgio: Graças a Deus ele não fugiu! *(começa a desabafar com Ana)* Sabe, Ana, eu tenho muito medo de toda essa história. O mundo não foi feito para pessoas assim. A sociedade não aceita isso. Eu não consigo imaginar o nosso filho se envolvendo com drogas e, você sabe, nesse mundo diferente, é uma questão de tempo. Ana, você também parou para pensar que ele pode querer se vestir de mulher? Ana, Ana, Ana, eu não agüentaria isso. Eu não consigo imaginar o nosso filhinho com um homem na cama. Eu prefiro morrer primeiro.

Ana: Giorgio, eu conversei com o Marcus e ele disse que o Renato também é. Acredito até que eles estejam juntos.
(Silêncio)

Giorgio: Lembra, Ana, quando o Marcus tinha três anos de idade? Eu tocava a campainha e ele já vinha gritando: 'Mamãe! Mamãe! É o papai. Abre a porta. Mamãe! Mamãe!' E quando eu entrava, ele vinha correndo para o meu colo. E na hora de dormir? Lembra, Ana? Pelo menos cinco historinhas por noite. Não tínhamos mais o que contar. O papai Noel já se misturava com a Chapeuzinho Vermelho, que encontrava os Três Porquinhos e que iam todos viajar no tapete mágico. Ana? Lembra da caneta no Dia dos Pais? Ele me deu de presente, dizendo: 'Marquinho presente papai', Lembra Ana? Era só eu esquecer a caneta em algum lugar e lá vinha ele: 'Marquinho presente papai'. Ele achava que eu tinha que estar sempre com a caneta. *(Silêncio longo)* Por que, Ana, justo com o nosso filho! Não vou permitir que façam dele uma pessoa inferior.
(Entra Marcus pelo lado direito)

Giorgio: Tudo bem, filho?

Marcus: Tudo bem, pai.

Giorgio: Filho, me desculpe pela agressividade de ontem.

Marcus: *(olha para os pais com suspiro)* Pai, o senhor não precisa se desculpar. *(Giorgio tenta retrucar mas Marcus continua)*

Pai, não fale nada agora. Deixe-me falar. O senhor não precisa se desculpar. Eu tenho consciência do tamanho do problema que joguei vocês. Se existisse no mundo alguma forma de modificar esse sentimento, eu o faria. Para mim tudo isso é muito doloroso. Custa-me muito remar contra a maré. Custa-me muito viver baseado numa grande mentira. Desde os meus treze anos eu sinto isso. O senhor e a mamãe também erraram em algumas coisas, sim. O senhor se lembra da caixa de camisinhas um ano atrás? O senhor me entregou a caixa, virou as costas e foi embora. Eu tinha dúvidas, pai. Nós nunca conversamos direito, pai. Com tudo isso, eu quero apenas mostrar a vocês que nós três temos problemas. Que nós precisamos conversar mais, não só sobre a editora onde o senhor trabalho ou sobre os problemas da comunidade de que a mamãe sempre fala. Nós temos que falar da gente também. Mas, mesmo que tudo isso fosse diferente, eu continuaria a sentir a mesma coisa que sinto. O que sinto, pai, vem de dentro de mim. Acho que nada pode mudar isso. Sabe, pai, continuo sendo a mesma pessoa, estudo, tenho boa educação, respeito os mais velhos, não fumo, não uso drogas e não sou promíscuo. Sabe, pai, apesar de sentir o que sinto, eu sou homem. Nunca vou me vestir de mulher. Nunca vou querer usar uma calcinha. Eu gosto de ser homem. Ontem

o senhor me chamou de bicha. Essa palavra dói muito, pai. Não quero carregar comigo nenhum rótulo, seja ele bicha, gay ou o que for. Outra coisa, pai, acho até que a mamãe já falou para o senhor, eu estou com o Renato. Já estamos juntos a quase seis meses. E a gente se gosta muito. Acho também que vocês não têm a obrigação de conviver com tudo isso. E se quiserem, eu vou embora. No começo eu só precisaria de uma pequena ajuda sua, pai. O senhor sabe, não tenho direito. *(começa a chorar e se levanta)*

Giorgio: *(agarra o filho e o abraça)* Não, filho, você não precisa sair de casa, não é, Ana? Nós três faremos o melhor possível. Viveremos com muita dignidade, Filho, filho, filho, nós o amamos! *(começa a mostrar que quer falar mais algo).*

Marcus: Pai, o senhor quer falar alguma coisa?

Giorgio: Quero filho. *(olha Marcus bem nos olhos)* Marcus, agora que estamos mais calmos, eu preciso dizer a você que continuo não concordando com tudo isso, mas aceito em respeito a você. E já que tem que ser assim, vamos agir com a maior dignidade possível. Você entendeu?

Marcus: Claro, pai.

Giorgio: Outra coisa, Marcus. A partir de amanhã vamos retomar todos os nossos compromissos. E isso, para você, inclui o colégio, ok? *(Marcus concorda)* Mais uma coisa, Marcus, e o Renato?

Marcus: Como assim, pai?

Giorgio: Os pais dele já sabem?

Marcus: Já, pai. Ele contou no Domingo à noite.

Giorgio: E? *(Marcus faz um gesto de que não entendeu)* Eu estou querendo saber o que os pais dele acharam de tudo isso.

Marcus: Eu não sei, pai, o...

Giorgio: *(interrompendo)* Como não sabe, Marcus?

Marcus: É que a última vez que falei com o Renato foi no Sábado, pai.

Giorgio: Então você não tem certeza se ele realmente contou aos pais dele, Marcus.

Marcus: Tenho sim, pai. Nós havíamos combinado no Sábado que contaríamos tudo a vocês no Domingo.

Giorgio: Boa noite, meu filho.

Marcus: Boa noite, pai.

(Blecaute. Um foco de luz se acende no meio do palco. Marcus, com mochila nas costas, fica sob o foco e espera. Entra Carlos pelo lado direito, que vai até Marcus).

Carlos: Marcus?

Marcus: Carlos? Você aqui! E o Renato?

Carlos: Agora ele está bem, Marcus.

Marcus: Olha, Carlos, se faz mal a você conversar comigo, tudo bem, cara. Eu só quero saber de você como faço para falar com o seu irmão. Se ligar para a sua casa, consigo falar com ele?

Carlos: Você interpretou tudo errado, Marcus, não tenho nada contra você. É que apesar de ter sido sem querer, tenho vergonha do que aconteceu no fim-de-semana em casa. *(respira fundo)* No Domingo, Marcus, as coisas ficaram muito feias em casa. Ele e o meu pai brigaram. O Renato está internado no hospital. O meu pai não iria machucar o próprio filho. Foi muita confusão. Ele estava muito nervoso e acabou acertando sem querer a barriga do Renato com uma faca de cozinha. *(Marcus fica surpreso, tenta controlar*

o choro. Carlos abraça Marcus em sinal de carinho, também chorando e afagando os cabelos de Marcus) Eu sei que não é fácil, Marcus. Mas agora, está tudo bem. Ele não corre risco de vida nenhum, e só está no hospital se recuperando. *(limpa as lágrimas de Marcus)* Vocês foram corajosos. Não deve ser fácil assumir uma situação como essa.

Marcus: Carlos, eu preciso vê-lo. Em que hospital ele está?

Carlos: Se quiser, eu levo você lá agora.

Marcus: Eu quero.

Carlos: Outra coisa, Marcus, no hospital nós dissemos que o Renato caiu na cozinha e sozinho espetou a faca na barriga. Aliás, foi praticamente isso o que aconteceu. O próprio Renato confirmou toda a história para o policial de plantão no pronto-socorro. Portanto, o nome do meu pai nem aparece no boletim de ocorrência. Ok?

Marcus: Ok, Carlos.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Entra Marcus com Renato enfaixado na barriga que se senta no sofá).

Marcus: Por que você faz isso comigo, Renato?

Renato: Isso o quê, Marcus?

Marcus: Você me derruba, cara.

Renato: É que agora você é todo meu, Marcus.

Marcus: Eu gosto tanto de você, Renato, que às vezes isso me assusta.

Renato: Você não precisa ficar assustado. Eu sempre vou estar ao seu lado.

Marcus: Você promete, Renato?

Renato: Prometo... Aaaai!

Marcus: Você está com dor? Eu não devia ter te beijado tanto tempo.

Renato: Eu não sinto dor nenhuma.

Marcus: Então porque você gemeu?

Renato: É que eu quero te impressionar de alguma forma.

Marcus: Como você é bobo.

Renato: *(risadas)* Marcus, como é que seus pais receberam a notícia?

Marcus: Não foi fácil, mas agora está tudo bem. Depois a gente fala sobre isso.

Renato: Sabe o que mais quero depois desse beijo Marcus?

Marcus: Não, o quê?

Renato: Uma Coca-Cola com rodela de limão e bastante gelo.

(Entra Inês pelo lado esquerdo, acompanhada de Carlos).

Marcus: Boa tarde, dona Inês.

Inês: *(braba, furiosa)* O que você quer com o meu filho?

Renato: Mãe, isso não é jeito de falar com o Marcus! A senhora...

Inês: Olha, moleque, você tem idéia da desgraça que você trouxe para a minha família? Não, não deve ter, você não tem educação para isso. A vontade que eu tenho...

Carlos: Mãe, vamos embora. Pára com isso... E fala mais baixo!

Inês: E você não se meta na conversa, Carlos. Só o que me faltava agora é você também achar que esse delinquente juvenil está certo! *(olha para Marcus)* Você está com vergonha, Marcus? Por que não fala para seus vizinhos do que você gosta? Olha, moleque, eu não quero mais ver você

andando com Renato. Aliás, eu não quer ver você nunca mais. Vamos embora, Renato. *(agarra o Renato e sai com ele pelo lado esquerdo. Carlos continua na sala com Marcus).*

Carlos: Marcus? Você está legal?

Marcus: Não dá para ficar legal, Carlos. A sua mãe... Deixa para lá.

Carlos: Eu peço desculpas por ela, Marcus. Minha mãe sempre foi muito nervosa. Ela perde o controle muito facilmente.

Marcus: Tudo bem, Carlos, você não teve culpa. Eu acho que devo ter chutado muita cruz quando criança. Você vê outra explicação? *(Carlos e Marcus dão risadas e se abraçam)* É melhor você ficar com a sua mãe. *(Carlos fica olhando Marcus)* Você quer me falar alguma coisa, Carlos?

Carlos: Quero. Eu sei que deve ser difícil para você, mas deixe as coisas se acalmarem em casa, que a gente, eu quero dizer, o Renato procura você. Ok?

Marcus: Ok.

(Carlos sai pelo lado esquerdo. Marcus fica sozinho. Blecaute).

Voz: *(off)* Uma semana antes do Natal.

(Luzes normais. Ana sentada no sofá. Marcus, deitado no colo da mãe, pensativo, como que assistindo tv, mas está no mundo da lua. Ana repara no filho).

Ana: Você está pensando em quê, filho?

Marcus: *(saindo do transe)* Por quê, mãe?

Ana: *(sorrindo)* É que eu estava reparando em você. Seus olhos brilhavam muito.

Marcus: Mãe?

Ana: *(afagando os cabelos do filho)* Fala, filho.

Marcus: Eu não acredito que Deus seja tão lógico e insensível como o padre Antônio falou.

Ana: O padre Antônio falou isso, Marcus?

Marcus: Com outras palavras, sim. Ele disse que isso Deus aceita, aquilo Deus não aceita.

Ana: Por que você está pensando nisso agora, filho?

Marcus: Por nada, mãe, eu só estava pensando.

(Entra o Giorgio, chegando do trabalho)

Ana: Meu Deus, não fiz o jantar! *(sai pelo lado direito)*

Giorgio: *(cumprimenta os dois com um beijo, coloca a pasta em algum lugar e volta)* Já sei. Vamos pedir uma pizza. Meia portuguesa e meia mussarela. O que vocês acham?

(Toca a campanha)

Giorgio: *(atende o lado esquerdo)* O Renato está aqui, Marcus.
(entra Renato com Giorgio logo atrás)

Ana: *(entrando pelo mesmo lado em que saiu)* Você está melhor, Renato?

Renato: Sim, dona Ana, praticamente já não tenho mais nada.

Ana: Gostaria de jantar conosco, Renato?

Renato: Não quero dar trabalho.

Giorgio: Trabalho nenhum. Nós vamos pedir pizza e ficará tudo certo.

Renato: *(olhando para Marcus)* Então, aceito.

(Blecaute. Pausa. Luzes normais. Marcus e Renato estão em cena, depois da janta)

Marcus: Eles não são ótimos?

Renato: Sim, eles são ótimos. Mas, antes de mais nada, eu quero pedir desculpas pela minha mãe. Ela não tinha o direito de fazer o que fez.

Marcus: Está tudo bem agora. E como as coisas estão agora?

Renato: *(começa a dar risadas)* Você quer mesmo saber?

Marcus: É lógico que eu quero, não estou entendendo você.

Renato: *(levanta Marcus e abraça ele. Dá um beijo)* Em casa está tão bem quanto aqui!

Marcus: Pára, Renato. Minha mãe deve estar descendo agora.

Ana: *(entra na sala)* Está tudo bem aqui? Só vim pegar um copo d'água.

Renato: Dona Ana, vocês vão passar o Natal aqui em São Paulo?

Ana: Sim, passaremos o Natal aqui mesmo, com alguns parentes, talvez.

Renato: Eu gostaria de trazer os meus pais para cumprimentá-los na noite de Natal. Nós também vamos passar em casa. *(Ana fica sem jeito de responder)* Dona Ana, olhe para mim. Não precisa ficar sem-graça comigo. E se continuar a beber água desse jeito, a senhora vai passar mal. *(Renato dá um sorriso para Ana que retribui. Renato abraça Ana)* Eu sei que deve ser muito difícil para a senhora toda essa situação. Mas pense, dona Ana, é difícil para todos nós, para mim, para o Marcus, para o senhor Giorgio e para os meus pais. Quando eu pensei em trazê-los na noite de Natal é porque acho que seria mais fácil para todos. Primeiro

porque é Natal e segundo porque a casa vai estar cheia de gente.

Ana: Eu vou me sentir muito envergonhada, Renato.

Renato: O que a senhora está me dizendo, eu já ouvi de minha mãe. Eles também estão muito envergonhados. Um dia vocês vão se encontrar. Por que não agora?

Ana: Bom, eu vou conversar com o Giorgio, mas pode fazer o convite para os seus pais, Renato. Com licença, filho. *(sai pelo lado direito. Renato acompanha Ana até ela sair da cena).*

Marcus: *(agarra Renato por trás)* Não é gostoso ser abraçado por trás e de surpresa?

Renato: É muito gostoso, Marcus. E se você fosse um pouquinho mais alto seria melhor ainda.

Marcus: Eu posso ser pequeno, Renato, mas aquilo é grande.

Renato: Que coisa baixa você falou agora, Marcus. *(dão risadas, de frente para o outro)* Eu sei que o seu é maior e mais grosso que o meu, Marcus, mas eu não estou com você por causa disso.

Marcus: Eu estava só brincando, Renato.

Renato: Que tal você brincar com algo mais interessante?

Marcus: O que, por exemplo?

(Renato dá um sorriso. Começa a beijar Marcus com paixão).

Renato: Você sentiu saudades de mim, Marcus?

Marcus: Muitas, Renato. E você?

Renato: Quase nada. Na verdade eu conheci um enfermeiro... *(Marcus interrompe o amasso e fica furioso com Renato)* Calma, Marcus! É brincadeira.

Marcus: Que brincadeira idiota.

Renato: Desculpe. Não queria te deixar chateado. *(silêncio prolongado)* Me dá um beijo, Marcus?

Marcus: Não.

Renato: Um só.

Marcus: Eu já falei que não. *(Começa a se levantar do sofá)*

Renato: Daqui você não sai, Marcus.

Marcus: Não estou brincando, Renato. Me deixe levantar.

Renato: Não. *(puxa Marcus e beija ele à força. Marcus tenta resistir que se rende depois).* Eu te amo, alemãozinho. Você é meu. Só meu...

(As luzes vão diminuindo de resistência. Blecaute. Pausa. Luzes normais. Em cena, Francesco com Marcus).

Francesco: Presta atenção, Marcus.

Marcus: Me desculpe, vovô.

Francesco: *(vai até uma janela do lado esquerdo)* Quem são aqueles, Marcus?

Marcus: *(vai até Francesco)* Quem, vovô?

Francesco: Aqueles que estão parados na porta do quintal junto com os seus pais?

Marcus: São os pais do Renato, vovô.

Francesco: E por que a presença deles o deixou tão nervoso?

Marcus: Eu não estou nervoso, vovô.

Francesco: É lógico que está!

Renato: *(entra pelo lado esquerdo)* E aí, Marcus, tudo bem? *(Cumprimenta Marcus com um abraço e sussurra baixo)* Meus pais já estão aqui.

Marcus: Eu sei, Renato. Já os vi.

Francesco: Vocês vão ficar agarrados por muito tempo?

Renato: *(se separa do Marcus)* Tudo bem, Sr. Francesco?
(cumprimenta Francesco)

Francesco: Por que o Marcus ficou tão nervoso quando viu os seus pais, Renato? Aconteceu alguma coisa?

Renato: Ele ficou nervoso, Sr. Francesco?

Francesco: Ficou.

Marcus: Eu não fiquei nervoso, vô. Isso foi impressão sua.
(Entra Inês abraçada com Ana. Giorgio conversa com Júlio. Marcus vai até eles)

Marcus: Dona Inês. Seu Júlio, tudo bem? *(Inês abraça forte o Marcus e tasca vários beijos nele)*

Francesco: Boa noite. Eu sou o Francesco, pai da Ana e...

Ana: Vocês não querem comer alguma coisa? Eu fiz pimentão com aliche. Está uma delícia.

Inês: Não, Ana, obrigada. Fica para a próxima vez. Na verdade nós já temos que ir. O meu outro filho, Carlos, está com a noiva nos esperando, não é Júlio?

Júlio: É isso mesmo, Inês.

(Saem todos pelo lado esquerdo. Ficam em cena, Marcus e Renato)

Marcus: Como você gosta de me apertar por trás, cara.

Renato: Por quê, Marcus? Você não gosta?

Marcus: Eu adoro, cara, ainda mais quando você me pega de surpresa, como agora.

Renato: *(dá um beijo)* Eu gostaria de te dar o meu presente de Natal, Marcus.

Marcus: Então você não se esqueceu do meu presente, Renato!

Renato: Como eu posso esquecer o presente da pessoa mais importante da minha vida? A caixinha está no meu bolso, Marcus. Você pega?

Marcus: Pego.

Renato: Eu falei no bolso, e é uma caixinha e não um canudo.

Marcus: *(dá uma risada)* Eu sei que é uma caixinha, Renato, mas eu estava com a mão tão perto dele, que não resisti. *(abre a caixinha e tira uma correntinha de ouro com um cruxifixo)*

Renato: Você gostou, Marcus?

Marcus: Muito, cara. Você coloca em mim?

Renato: Lógico. Essa é a melhor parte. *(coloca a corrente no pescoço e manda uns beijos no pescoço)*

Marcus: Agora é a vez do meu presente, Renato.

Renato: Você também guardou no bolso, Marcus?

Marcus: Não, Renato, o seu presente não está no meio das minhas pernas. Eu vou pegá-lo. *(pega uma caixa grande, todo de verde e entrega para Renato)* É seu, cara. Espero que você goste.

Renato: O que tem aqui dentro, Marcus? Criptonita?

Marcus: Por que você disse isso? É pelo papel?

Renato: *(responde que sim)* Que legal, Marcus!

Marcus: Você gostou?

Renato: É impossível não gostar. Puta tênis transado, cara!

Marcus: Entre os importados, eu escolhi o que tinha mais o seu jeito.

Renato: Valeu mesmo, Marcus. Agora deixa eu ler o seu cartão.

Marcus: Não leia agora, Renato.

Renato: Por quê?

Marcus: Leia quando você estiver sozinho.

Renato: Você está com vergonha? (*tenta puxar o cartão da mão dele*) Marcus, se eu não puder ler o cartão agora, não tem graça.

Marcus: Tá legal, Renato. Você pode ler, mas não vale rir.

Renato: Ok, Marcus. (*lê o cartão*) “A bordo de sua vida, me fiz um passageiro eterno. Renato, juntos faremos o possível e o impossível para realizarmos os nossos sonhos. Eu te amo. Marcus” Eu nem sei o lhe dizer, Marcus. O que você me escreveu é bonito demais, cara.

Marcus: Então não diga nada, apenas me abraça. Renato, posso tocar num assunto delicado?

Renato: Pode. O que você quer saber?

Marcus: É sobre o seu pai.

Renato: Pode falar, Marcus.

Marcus: Sabe o que é, Renato, tem uma coisa que ainda não se encaixou direito na minha cabeça.

Renato: Pode falar. O que está preocupando você?

Marcus: Até hoje, Renato, eu não entendo como uma pessoa tão 'de bem com a vida' como o seu Júlio pôde ser... você entendeu.

Renato: Pôde ser tão violento. É isso, Marcus?

Marcus: É isso.

Renato: Marcus, ao contrário do que possa parecer, meu pai não teve culpa nenhuma. Quando eu comecei a falar com eles, ele estava na cozinha preparando um lanche. Minuto a minuto, a discussão foi tomando proporções mais graves, até que minha mãe saiu chorando da cozinha e se

trancou no banheiro. Meu pai, também descontrolado, veio para cima de mim e me puxou com muita força para perto dele. Foi nessa hora em que ele se deu conta de que a faca estava na sua mão e que tinha entrado na minha barriga. Dias depois que você havia me visitado no hospital, eu tive que conversar muito com o Carlos para provar a ele que o papai... *(começa a ficar com dificuldade de falar por causa da emoção)* Tive que conversar muito com o Carlos para provar a ele que o papai não tinha tentado... me matar, que era o que estava na cabeça dele e o que também deve estar na sua.

Marcus: Não fale mais nada, Renato. A propósito, feliz natal, Renato.

Renato: Feliz Natal, Marcus.

(Blecaute. Luzes normais. Renato deitado no colo de Marcus. Carlos e Lúcia estão no outro sofá).

Renato: Não ganho carinho? *(Marcus fica sem graça. Carlos e Lúcia ficam constrangidos)* Gentel! Vocês precisam relaxar.

Carlos: O que você disse, Renato?

Renato: Você sabe o que eu disse, Carlos! *(Carlos e Renato dão gargalhadas)* Eu e o Marcus não vamos fazer isso na presença de estranhos, mas vocês são da família. *(olha para Marcus)* Olhem para o Marcus. Está com tanta vergonha que parece que seu rosto vai pegar fogo. E a Lúcia, então? Nem respira. *(todos caem nas gargalhadas).*

Carlos: Sabe o que é, Renato? Vendo pela primeira vez, a gente se sente meio estranho, não é mesmo, Lúcia?

Lúcia: É isso mesmo, Carlos. Até o Marcus está com vergonha.

Marcus: Eu não tenho vergonha dos meus sentimentos. O que me faz sentir meio estranho é agir assim na frente de outras pessoas. Aliás, Renato, se os seus pais estivessem aqui, com certeza eu ainda não estaria preparado e acho que nem eles.

(Blecaute. Luzes normais. Ana e Giorgio em cena)

Giorgio: Ana, nós sabemos que o problema maior não é o seu pai. Nada na vida é eterno. Este ano é o Marcus que não poderá estar presente na festa. No ano que vem, poderá ser outra pessoa, e assim a vida continua. Eu mesmo me encarrego de inventar uma história qualquer para o seu Francesco.

Ana: Sei que você está certo, Giorgio. Mas me incomoda saber que o nosso filho, que só tem dezesseis anos, vai ficar com um rapaz alguns dias num hotel, durante essa viagem para o litoral norte. Já parou para pensar no que pode acontecer?

Giorgio: É óbvio que já pensei, Ana. Só que é impossível querer controlar uma situação como essa. É como tentar impedir que as ondas se quebrem na praia. No fundo, Ana, estou tentando ser digno dentro da lama. *(Ana suspira)* Outra coisa, Ana. O Marcus já vai fazer dezessete anos e o rapaz com quem ele vai viajar tem nome, tem família e estuda no mesmo colégio.

Ana: E você acha que isso é suficiente para atestar a conduta do Marcus? Eu não estou entendendo você, Giorgio!

Giorgio: *(começando a ficar irritado)* Ana! Quando você vai entender de uma vez por todas que não somos nós que

definimos a tendência sexual do nosso filho? Se fosse assim, eu diria: 'Marcus, a partir de agora, você gosta de mulher' e pronto, como num passe de mágica; tudo estaria resolvido. (*silêncio absoluto*) Ana, não sei se estou decidindo certo ou errado, mas sei que prender o Marcus dentro de casa não vai adiantar nada. Já falei que estou tentando ser digno dentro da lama. Outra coisa, Ana, prefiro não pensar muito no que eles fazem, mas com certeza alguma coisa já deve ter acontecido. Ou você acha que não? (*Não espera pela resposta da Ana*) E tem mais, Ana! É importante sim conhecer a pessoa com quem o nosso filho está. Pior seria se nem isso nós soubéssemos. Bem ou mal, o Renato vem de uma família estruturada, que tem pai, tem mãe e ainda tem um irmão que está noivo. Eu já nem sei mais o que estou dizendo, Ana. Vou tomar uma ducha. (*Blecaute*).

FIM DO PRIMEIRO ATO.

SEGUNDO ATO

(Cena de Pousada. Quarto de pousada. Duas camas sofás no modo cama, uma mesa redonda e três cadeiras. Telefone. Entram Ronaldo acompanhado de Renato e Marcus).

Ronaldo: O apartamento de vocês tem duas camas de solteiro e, a pedido do senhor, quero dizer, a seu pedido, o frigobar foi abastecido quase na sua totalidade com cervejas em lata. Eu queria falar também deste folheto. Nele vocês poderão verificar todos os serviços que a pousada oferece, desde o café da manhã até os serviços de quarto, onde...

Renato: Qual é mesmo o seu nome?

Ronaldo: Puxa! Eu esqueci de me apresentar a vocês, quero dizer, aos senhores. Me desculpem, eu sou o Ronaldo.

Renato: O importante, Ronaldo, é não deixar faltar cerveja no frigobar. Agora quanto ao resto, em caso de dúvidas, a gente liga, Ok?

Ronaldo: Perfeitamente, senhor Renato, quero dizer, Renato.

Renato: Outra coisa, Ronaldo. As chaves, Ronaldo?

Ronaldo: Ah, sim. Estão aqui. Bem, quando precisar, é só ligar para a recepção. Fiquem à vontade. *(sai pelo lado esquerdo).*

Renato: Enfim, sós.

Marcus: Ei, não estamos casados. Mas podemos brincar de lua-de-mel.

(Começam a se beijar e sés amassos. Batem na porta)

Marcus: *(indo atender a porta)* Quem poderá ser, Renato?

Renato: Deve ser o Ronaldo, que esqueceu de nos falar alguma coisa que não está escrita no folheto. Se for ele mesmo, Marcus, dê uma porrada na boca dele por mim.

Marcus: *(fora da cena)* Beatriz! Você aqui!

Beatriz: *(entra no quarto e beija Renato na boca de leve, que está surpreso)* Não ganho uma cerveja?

(Marcus sai pelo lado direito para buscar uma bebida).

Renato: Eu pensei ter ouvido a sua voz. É você mesma!

Beatriz: Tudo bem, Renato?

Renato: Como você nos achou aqui?

Beatriz: Pura coincidência. Eu estou aqui com mais duas amigas no apartamento oito, primeiro andar. E vocês estão sozinhos?

Marcus: *(voltando ao quarto)* Estamos, Beatriz. Aqui está a sua cerveja.

Beatriz: Obrigada, Marcus.

Renato: Mas que surpresa, hein!

Beatriz: Ainda mais porque você anda fugindo de mim, não é, Renato?

Renato: Eu não tenho motivos para fugir de você.

Beatriz: Parece, Renato. Desde o seu acidente eu ando tentando falar com você e não consigo.

Renato: Não confunda as coisas, Beatriz. Não somos mais namorados.

Beatriz: Eu não estou falando de namoro, Renato. Estou falando de amor, amizade e consideração. Eu acho que não mereço ser tratada dessa maneira por você. Afinal de contas, juntos nós vivemos muitos momentos bons.

(Marcus, constrangido, tenta sair do quarto, pelo lado esquerdo, mas Beatriz percebe).

Beatriz: Aonde você vai?

Marcus: Eu vou deixá-los sozinhos para que vocês possam conversar mais à vontade, Beatriz.

Beatriz: *(vai até Marcus e traz ele de volta)* Acho que sei o que rola entre vocês.

Renato: O que você está querendo dizer?

Beatriz: Que você e o Marcus se gostam.

Renato: É claro que a gente se gosta, nós somos amigos.

Beatriz: Eu não estou falando de amizade, Renato.

Renato: Por que você acha que a gente se gosta de uma forma diferente?

Beatriz: Por tudo que já observei em você, Renato. Agora certeza mesmo eu só tive no hospital em que você estava internado.

Renato: *(sem a voz firme)* Você nunca me visitou no hospital.

Beatriz: É verdade. Não visitei, mas estive perto da casa do Marcus e ouvi toda a discussão. Deu nas vizinhanças. O Carlos também estava lá. Sei que você não tem compromisso nenhum comigo. Mas eu me senti muito magoada por você nunca ter me dito nada do que estava acontecendo, Renato, bastava apenas você dizer que existia outra pessoa na sua vida, só isso.

Renato: Desculpa, Beatriz. *(Abraça Beatriz, que beija Renato no rosto).*

Beatriz: Bem, vou indo. A gente se vê por aí. *(dá um beijo no Marcus e sai pelo lado esquerdo)*

Renato: Desculpe por ter feito você passar por isso, Marcus.

Marcus: Você não precisa se desculpar. Comigo está tudo bem.

Renato: Mesmo?

Marcus: Mesmo, Renato. E digo mais, nem a presença dela na pousada me incomoda. O que nós temos que pensar, e nem precisa ser agora, é na possibilidade de ela espalhar a notícia no colégio.

Renato: Ela não vai contar nada a ninguém, Marcus.

Marcus: O que te dá tanta certeza?

Renato: Não se esqueça de que ela já foi minha namorada, Marcus. Além do mais, nos últimos tempos, ela e eu fizemos muita coisa diferente. E pode ter certeza de que ela também gostou.

Marcus: Além do que você já me contou naquele dia, o que mais vocês fizeram?

Renato: Eu vou contar toda a história, Marcus. No início nós éramos um casal comum. Íamos muito a motéis e transávamos bastante. Na cama, nós fazíamos aquilo que era considerado normal, ou seja, além do tradicional, um chupava o outro e estava limpo. Com o tempo, comecei a perceber que quando Beatriz me tocava atrás, com a mão ou com a língua - e isso só acontecia sem querer e rapidamente - me dava muito tesão.

Marcus: Como que ela te lambia 'sem querer' atrás, Renato?

Renato: Isso acontecia quando ela dava um trato lá embaixo. Por diversas vezes sua língua escorregava mais para baixo.

Marcus: Você nunca se imaginou transando com um cara, Renato?

Renato: Eu já falei que não, Marcus. E o assunto agora não é esse.

Marcus: Desculpe. Continue a sua história.

Renato: O tempo foi passando, e como nunca tive coragem de pedir a ela que também desse um trato nesses novos lugares do meu corpo, a nossa relação foi caindo, caindo, até que um dia percebi que estar com ela na cama já não representava muito. Mesmo gostando da Beatriz, resolvi terminar o namoro. Pode parecer estranho, mas pela privacidade escolhi um motel para falar com ela. E olha que foi difícil, Marcus. Ela começou a chorar e a dizer que queria saber quem era a outra mulher, e como eu não tinha o que explicar, fui ficando cada vez mais nervoso, até que, no meio da discussão, disse a ela que não tinha certeza dos meus sentimentos como homem. Ao dizer isso, confesso que esperei dela a reação mais negativa possível, mas foi o contrário, cara.

Marcus: O que ela fez?

Renato: Foi aí que pude perceber como ela gostava de mim. Me abraçando ela repetia que me amava e me aceitava de qualquer jeito.

Marcus: E você?

Renato: Acabei com o namoro assim mesmo. Não seria honesto da minha parte manter uma relação em que já não havia emoção nenhum.

Marcus: Mas vocês continuaram indo para cama, Renato.

Renato: A Beatriz é uma garota interessante, Marcus. Você acredita que ela nunca perguntou o que eu realmente sentia? Sem contar que nós nunca mais falamos sobre aquela conversa no motel. É como se tudo aquilo nunca tivesse existido. Uma semana depois, ela me ligou e acabamos saindo. Fomos a um barzinho, e de lá, já com duas doses de uísque na cabeça, esticamos para um motel. Ela escureceu o quarto e disse que iria me fazer uma massagem. Até aí, nada de novo, se não fosse pelo fato de ela insistentemente manter as suas mãos deslizando sobre a minha bunda. Ela me fez viajar, cara.

Marcus: E você vai me fazer morrer de fome, Renato.

Renato: Eu pensei que você quisesse conhecer a história toda!

Marcus: E quero. Mas não agora. Vamos pedir alguns lanches primeiro?

Renato: Fechado. Que tal dois churrascos com queijo para cada um?

(Blecaute, Pausa rápida. Luzes normais. Sentados na mesa, acabaram de lanchar)

Marcus: Por que você disse que a Beatriz sente prazer em fazer 'aquelas coisas', Renato?

Renato: Você sente quando uma pessoa está gostando de fazer alguma coisa.

Marcus: Você tem razão... Mas o que vocês faziam?

Renato: *(olha com interesse para Marcus)* Por que você está tão interessado, Marcus?

Marcus: Eu não estou tão interessado assim... Mas é que por ela ser mulher... Eu tenho curiosidades em saber o que rolou. *(Renato acena que sim, concorda)* É sério, Renato.

Renato: Imagine a cena, Marcus: Eu deitado de bruços e a Beatriz me lambendo atrás e se masturbando ao mesmo tempo.

Marcus: *(excitado)* Fale mais, Renato! Detalhes, detalhes.

Renato: *(puxa Marcus para a cama e deita por cima dele)* Que mente suja, Marcus!

Marcus: Você está me apertando muito, Renato.

Renato: Não muda de assunto, Marcus.

Marcus: Eu não tenho culpa de que essa história me deixou excitado.

Renato: E o nosso amor, Marcus?

Marcus: Isso não tem nada a ver com amor, Renato. Aliás, se você quiser saber, até cachorro transando na rua me excita.

Renato: *(dá uma risada)* Tudo bem, Marcus. Pelo seu descanso você será torturado.

Marcus: Isso não, Renato. Eu sinto cócegas demais embaixo do braço.

Renato: Preparado, Marcus? *(prende Marcus pelas mãos e começa a fazer cócegas no Marcus)*

Marcus: Não, Renato. Não, não, não...

Renato: Valeu, Marcus?

Marcus: Muito...

Renato: Você vai dormir, Marcus? *(Marcus acena que sim)*
Descanse bem, eu vou beber mais um pouco e deito com você, depois.

(Blecaute. Pausa. Cena vazia. Bate a porta. Marcus, enrolado na toalha, entra).

Marcus: *(fora de cena)* A porta não está trancada. *(pausa)*
Acho que ele não vai me ouvir do banheiro. *(entra e vai até o outro lado)* Você é fogo, Rena... *(se assusta)* Beatriz! *(atravessa toda a cena e sai pelo direito; fala fora da cena)* Entra aí que já volto.

Beatriz: *(entra com um sorriso, pelo lado esquerdo)* Não precisava se envergonhar.

Marcus: *(volta só com short)* Tudo bem, Beatriz?

Beatriz: Tudo bem, Marcus.

Marcus: Desculpe ter atendido a porta daquele jeito. Eu pensei que fosse o Renato.

Beatriz: Não se preocupe não, Marcus. Aliás, você... deixa pra lá.

Marcus: Pode falar, Beatriz.

Beatriz: Eu ia dizer que você tem um corpo muito bonito.

Marcus: Obrigado. Você gostaria de tomar algo na varanda?

Beatriz: Aceito, Marcus. *(vão para a varanda, enquanto Marcus vai buscar bebidas no lado direito)* Eu vou voltar para São Paulo amanhã, Marcus. E vim até aqui para me despedir de vocês.

Marcus: *(volta com as bebidas)* Eu acho que entendo o que você deve estar sentindo, Beatriz. Só que esse tipo de assunto entre a gente é... muito difícil. Eu sou suspeito para lhe dizer qualquer coisa.

Beatriz: Eu sei o que você quer dizer, Marcus. Numa situação normal, nós nem estaríamos conversando.

Marcus: Você não deve estar entendendo nada, não é, Beatriz?

Beatriz: Tem coisas, Marcus, que é melhor não entender. Isso eu aprendi com o Renato.

Renato: *(entra pelo lado esquerdo com uma garrafa branca de tequila, vendo a cama vazia)* Faz tempo que você acordou, Marcus?

Marcus: *(grita da varanda)* A Beatriz está aqui, Renato!
(Renato e Beatriz se cumprimentam com um Oi).

Marcus: A Beatriz veio se despedir da gente. Amanhã ela estará voltando para São Paulo. *(Renato não fala nada)* Aonde você foi, Renato?

Renato: Fui comprar uma garrafa de tequila. Lembra-se do último acampamento?

Marcus: Lógico que eu me lembro. Mas e o limão e o sal?

Renato: O Ronaldo já me arrumou.

Marcus: *(vendo Beatriz sendo deslocada)* Você já tomou tequila com limão e sal?

Beatriz: Não, Marcus. É gostoso?

Marcus: Demais, Beatriz! E você não vai embora sem saber o gosto que tem.

(Blecaute. No escuro, ouve se risadas e gargalhadas altas. Um foco de luz aparece em cima da cena de varanda, aumentando a resistência)

Renato: Eu vou buscar mais cervejas para nós. Beatriz, você me acompanha?

Beatriz: Claro, Renato. *(Renato e Beatriz vão para as camas. Marcus continua na varanda).*

(Pausa longa, Marcus fica ansioso pela demora dos dois. Vai até as camas que é iluminada por outro foco por cima. Marcus vê Renato sendo beijado pela Beatriz com muita paixão)

Renato: *(Vendo Marcus presente, sério, fala)* Eu estava esperando você, Marcus.

(Marcus fica perplexo. Vai até Beatriz e a abraça por trás. Beatriz continua beijando Renato. Marcus começa a se envolver com Beatriz. Um beija o outro, Marcus beija Beatriz e Renato, Beatriz beija os dois rapazes e Renato beija Beatriz e Marcus. Começam a se despir, começando uma cena sensual na cama. O foco de luz vai diminuindo de resistência. Bleaute. Pausa longa. Luzes normais. Beatriz na varanda. Marcus e Renato, deitados juntos na cama. Marcus acorda).

Marcus: *(levantando, vai até a varanda)* Bom dia, Beatriz.

Beatriz: Bom dia, gatinho. *(beija Marcus na boca)* Ontem você quase me matou, Marcus.

Marcus: De tesão?

Beatriz: Também, mas eu estou falando de dor. O seu é muito grande e, além de tudo é grosso.

Marcus: *(se senta orgulhoso)* Não é tão grosso assim.

Beatriz: Posso perguntar uma coisa pessoal, Marcus?

Marcus: Pode.

Beatriz: Tem certeza?

Marcus: Claro que tenho, pode perguntar, Beatriz.

Beatriz: Entre vocês, você é o homem? *(Marcus fica envergonhado)* Você disse que eu podia perguntar, Marcus. Se você quiser, não precisa responder.

Marcus: Entre mim e o Renato não existe essa divisão de homem e mulher. Por que você perguntou isso?

Beatriz: *(fica envergonhada)* É que...

Marcus: Fala, Beatriz.

Beatriz: É que atrás, você é virgem. *(Renato começa a acordar)*

Marcus: *(dá risadas)* Sabe o que é Beatriz, nós nunca tivemos essa necessidade. Agora... se um dia pintar... sei lá.

Renato: Bom dia! *(Beija os dois na boca)* Faz tempo que vocês acordaram?

Marcus: Não. Acordamos quase agora.

Renato: *(colocando os pés no colo de Marcus que começa a massagear)* A que horas você pretende pegar a estrada para São Paulo, Beatriz?

Beatriz: Daqui a pouco, Renato. Eu só estava esperando você acordar para me despedir.

Renato: Eu só estou perguntando, porque Marcus e eu temos um compromisso.

Beatriz: *(se levantando e demonstrando naturalidade)* Bom, então, vou indo. Vou tomar um banho no meu quarto mesmo. Até mais, Marcus. *(beija Marcus na boca)* Até mais Renato. *(beija da mesma maneira. Renato se levanta e acompanha Beatriz até a porta no lado esquerdo)*

Marcus: Você foi muito grosseiro com ela, Renato.

Renato: Eu só fiz o que precisava ser feito.

Marcus: Renato você nem considerou o que rolou na noite de ontem, cara.

Renato: Marcus, se eu não tivesse agido dessa forma, ela simplesmente não iria embora. Não se esqueça de que eu a conheço há muito tempo, cara.

Marcus: Você tem razão. Além do mais ela não faz parte da nossa vida.

Renato: É isso aí, cara. Considere a noite de ontem como uma aventura a três que já acabou. Vamos tomar um banho e poderemos dar um giro pela praia. Topa?

Marcus: Topo, Renato.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Marcus e Renato chegando da praia)

Renato: O que desceu em você? O Espírito Santo?

Marcus: Quase isso! Eu estou me sentindo bem pra caralho!

Renato: *(sorrindo)* Tentar me derrubar na água te deixa feliz, Marcus?

Marcus: *(risadas)* Você nunca vai saber como é bom estar com você, cara!

Renato: Sabe o que eu acho, Marcus? Naquela praia deve ter algum cabo elétrico enterrado e sem querer você pisou nele. *(Os dois caem nas gargalhadas)*

Marcus: *(com seriedade)* Eu acho que fui atingido pelo espírito de Natal.

Renato: Mas o Natal já passou. Hoje é o último dia do ano, Marcus!

Marcus: E daí? Espírito é espírito. *(os dois recomeçam a gargalhar de novo)*

Renato: *(toca o telefone)* Alô! Oi, dona Ana, aqui é o Renato. Tudo bem com a senhora? Sim, pode deixar. Hã, hã. Pode deixar comigo, dona Ana. Sim, fique tranqüila. Ok... Hã, hã. Tá, pode deixar. Um abraço para a senhora também. Vou passar a ligação para o Marcus. Um beijo.

Marcus: *(recebe o telefone)* Oi, mãe! É o Marcus. Está tudo bem aí? Ah é? Meus avós aceitaram a minha ausência numa

boa? Que bom. O que? Meu avô vai quebrar cinco pratos na passagem do ano? Então, eu sugiro que quebrem cem pratos. Ta bom. Ótima passagem do ano para vocês também. Um beijo para você. Eu também te amo muito, mãe. Tchau. *(desliga o telefone)*

Renato: Por que você não falou com o seu pai, Marcus?

Marcus: Ele havia saído com meu avô. Foram buscar mais vinho. Renato, o que tanto minha mãe te falou?

Renato: Por quê? Você está com ciúmes?

Marcus: Lógico que não. É que você só respondia: hã, hã e pode deixar.

Renato: *(deita em cima dele)* Ela pediu para que eu cuidasse bem de você.

Marcus: Sério? O que ela pediu a você?

Renato: *(a cada sugestão, dá um beijo no Marcus)* Entre outras coisas, para que você não beba demais... Não pegue friagem... Não ande descalço em chão gelado... E que eu não o deixe dormir sem camiseta, já que você se descobre muito à noite...

(Marcus começa a dar risadas. Blecaute. Luzes normais. Marcus dormindo na cama. Renato acordado com um pequeno jantar na varanda, começa a acordar Marcus. Renato já está de branco).

Marcus: Aí não, Renato. Eu tenho cócegas...

Renato: Então acorde, alemãozinho, já são quase onze horas da noite.

Marcus: Dormi tanto assim?

Renato: Eu já separei a sua roupa, Marcus. Agora só falta o banho. Enquanto você toma banho, vou lá na recepção acertar umas contas.

(Renato sai pelo lado esquerdo. Marcus pelo lado direito. Blecaute. Cinco segundos. Luzes normais. Entra Marcus pelo mesmo lado que saiu, agora todo vestido de branco e olha para a mesa).

Renato: *(entrando pelo lado esquerdo)* Gostou, Marcus?

Marcus: Muito bonito. Depois precisamos agradecer ao Ronaldo.

Renato: Você não acha que pediu comida demais, Marcus?

Marcus: Com a fome que estou, acho que não. *(dando risadas)* Você tem razão, Renato. Mas esse exagero é por conta da pousada. Tudo bem que eu pedi vários pratos, mas tudo em pequena quantidade. Só veio uma garrafa de champanhe, Renato?

Renato: Não, vieram quatro. As outras estão no frigobar. *(começa a abrir o champanhe. Serve dois copos e entrega um para Marcus e pega um para si)* Um brinde ao loirinho mais bonito e gostoso do planeta!

(Renato vai até o rádio que trouxeram e começa a tocar Surfer Girl. Começam a dançar e se beijar. Fogos de artifícios são ouvidos fora da cena. Renato se separa e entrega uma caixinha para Marcus. Marcus abre a caixinha e olha para Renato).

Marcus: Você é muito louco, sabia?

Renato: Só eu, Marcus? *(trocam sorrisos e beijos)* E essa comida toda, Marcus. Vamos encarar?

Marcus: Você não quer que eu deixe você excitado primeiro?

Renato: Você já fez, Marcus.

Marcus: Quando?

Renato: Dançando, cara.

Marcus: Sério, Renato?

Renato: S rio. Olha a minha calça toda melada. E então, Marcus? Vamos encarar essa comida fria? Ah, antes, vamos colocar as alianças? (*Renato coloca a aliança no dedo de Marcus e vice-versa*)

Marcus: Renato, porque de prata?

Renato: É diferente...   jovem...   atraente... como alguém que conheço... (*Blecante*).

FIM DO SEGUNDO ATO.

TERCEIRO ATO

(Luções normais. Em cena, Giorgio e Ana, ocupados. Entra Marcus).

Marcus: Oi?

Giorgio: Filho!

Marcus: Oi, mãe; oi, pai.

Ana: E o Renato? Por que não entrou?

Marcus: É tarde, mãe. Amanhã, quando ele trouxer o carro, vocês se cumprimentam.

Giorgio: E aí, filho? Fale da viagem.

Marcus: Foi ótima, pai.

Ana: *(percebe que Marcus está usando um anel)* Você está usando anel, filho?

Marcus: É uma aliança, mãe. Ela simboliza um compromisso. *(silêncio)* Tudo bem, pai? Tudo bem, mãe?

Giorgio: Tudo bem, filho. É que... sua mãe e eu ficamos um pouco sem-graça. Esse...

Ana: *(interrompe Giorgio)* Esse compromisso representa exatamente o quê, Marcus? Um noivado?

Marcus: Hã, hã.

Giorgio: Independentemente de qualquer outra coisa, você não acha que ainda é muito cedo para pensar nisso, Marcus?

Marcus: Acho que não pai. Em dois meses estarei fazendo dezessete anos e...

Ana: Você está pensando em não fazer faculdade, filho?

Marcus: Lógico que não, mãe. Os meus planos para o futuro não diminuíram, só cresceram. Apesar de essa conversa ter começado sem querer, eu iria falar com vocês

sobre os meus planos para o futuro. Renato também já deve estar falando com os pais dele. Foi por isso que ele não entrou, pai.

Giorgio: O que vocês decidiram de tão urgente, Marcus?

Marcus: Não, não é nada urgente, pai. O que nós decidimos nessa viagem deve acontecer só daqui a um ano.

Ana: Vocês pretendem morar juntos?

Marcus: Terminando o colegial, sim. Mas não se preocupem, pois tudo será feito com muita discrição. Para parentes e amigos, seremos apenas dois estudantes - fazendo faculdade - que moram juntos. *(pausa)* O que eu gostaria de saber é se posso contar com o apoio de vocês. Nós faríamos a faculdade à noite e trabalharíamos durante o dia. Mas, mesmo assim, acredito que os salários não seriam suficientes para vivermos bem.

Giorgio: Você sabe que tudo isso é muito difícil para sua mãe e para mim, mas com certeza nós nunca daríamos as costas para você, meu filho.

Marcus: Obrigado, pai.

(Blecaute. Pausa. Luzes normais. Toca a campainha, entra Marcus pelo lado direito e atende no esquerdo. Volta com Beatriz).

Marcus: Não esperava sua visita tão cedo. Tudo bem?

Beatriz: Tudo bem, gatinho.

Marcus: Bom dia, Beatriz. *(Beatriz beija no rosto de Marcus)* Eu não esperava você tão rapidamente, Beatriz, está tudo bem mesmo?

Beatriz: Sim e não, Marcus. Eu gostaria de falar sobre o que aconteceu na pousada.

Marcus: Então fale, o que está incomodando você?

Beatriz: Sabe o que é, Marcus, eu não gostaria que você pensasse algo errado de mim. Nunca havia feito o que fiz naquela noite. Foi a primeira vez que estive com dois homens e, você sabe, sou apaixonada pelo Renato. Eu...

Marcus: Você está preocupada à toa. Se eu tivesse que pensar algo errado a seu respeito, então o que você pensaria sobre mim?

Beatriz: Sabe o que é, Marcus, eu me sinto muito sozinha. Você ainda pode dividir com o Renato todos os seus sonhos e sentimentos. E eu? *(começa a chorar)*

Marcus: Beatriz, pára com isso.

Beatriz: *(abraça Marcus)* Eu... estou confusa, Marcus.

Marcus: *(começa a afagar os cabelos de Beatriz)* Chorar não vai adiantar nada, Beatriz. Vamos conversar.

Beatriz: Naquela noite, Marcus... com a desculpa de pegarmos mais cervejas no frigobar, o Renato... me ofereceu a você e... no dia seguinte... praticamente me... me expulsou do apartamento.

Marcus: Beatriz, eu te peço desculpas. Tudo o que aconteceu foi minha culpa.

Beatriz: Você não teve culpa de nada, Marcus.

Marcus: Tive sim. Naquela noite desejei transar com você e o Renato percebeu isso. Você me perdoa por eu Ter passado por cima dos seus sentimentos?

Beatriz: Você não precisa do meu perdão. *(dá um beijo roubado)* Você é a parte boa de toda essa história, Marcus. *(Marcus confuso, ainda é beijado com muitas emoções)* Eu quero você, Marcus.

Marcus: Beatriz... eu... não... posso...

Beatriz: Eu quero... sentir você, Marcus...

Marcus: Não... não, Beatriz. Eu... eu não posso... *(Beatriz faz Marcus deitar no sofá e fica por cima dele; Beatriz dá pequenos beijos)*

Marcus: Beatriz... pare. Eu... não posso.

Beatriz: Eu quero sentir você só mais uma vez, Marcus. *(Beatriz e Marcus encenam uma transa rápida com roupa mesmo. Ela sente prazer e pára quando Marcus chega no seu gozo)* Me desculpe, Marcus. Eu não tinha o direito. *(Beatriz sai de cima dele, ficam sentados lado a lado).*

Marcus: Esqueça, Beatriz. Agora já fizemos.

Beatriz: Você não gostou de estar comigo, Marcus?

Marcus: Gostei. Só que a gente não deve mais fazer isso.

Beatriz: Por quê, Marcus? Nós três juntos viveríamos muito bem.

Ana: *(entra pelo lado esquerdo)* Beatriz, que surpresa boa!

Beatriz: Oi, dona Ana, tudo bem com a senhora?

Ana: Tudo bem, e com você, filha?

Beatriz: Também está tudo bem.

Ana: Por que você não me falou que a Beatriz vinha almoçar com a gente, Marcus? Eu teria preparado algo especial.

Beatriz: Não vim para almoçar, dona Ana.

Ana: Nós fazemos questão de que você almoce com a gente, não é, Marcus?

Marcus: É, mãe.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Marcus e Renato na sala).

Renato: Sentiu saudades, Marcus?

Marcus: Muitas, cara. E você? *(Renato beija como resposta)*
Renato, tenho uma coisa para te contar. Beatriz esteve aqui.
Almoçou com minha mãe e comigo.

Renato: O que ela veio fazer aqui?

Marcus: Sei lá, apareceu. Tudo bem?

Renato: Eu não estou gostando dessa história, Marcus.

Marcus: Mas que culpa eu tenho, Renato?

Renato: Desse um gelo na garota. Mas não, ainda a convida para almoçar.

Marcus: Eu não a convidei, Renato! Foi minha mãe.

Renato: Você foi muito gentil com a Beatriz. Ela vem te visitar, bater papo, almoçar e sei lá mais o quê! *(Marcus começa a dar risadas)* Você está rindo do quê, cara?

Marcus: Estou rindo do seu ciúme, Renato. Acho legal.

Renato: Deixa de ser criança, Marcus, eu não estou com ciúme nenhum.

Marcus: Está sim, eu só quero descobrir se é de mim ou da Beatriz.

Renato: *(empurra Marcus para o sofá)* Você está a fim de levar uma porrada? *(Marcus tasca um beijo como resposta e Renato aceita).* Você quer ficar com a Beatriz, Marcus?

Marcus: Não! Claro que não! Eu amo você, Renato.

Renato: Então não deixe que ela interfira no nosso relacionamento.

Marcus: Nunca mais, Renato. Nunca mais. *(recomeçam os beijos)*

(Blecaute. Pausa longa. Marcus e Renato entram pelo lado esquerdo e sentam no sofá, cansados.).

Renato: Que sossego, hein, Marcus?

Marcus: Hã, hã.

Renato: A sua família é legal, mas eles fazem muito barulho nas festas. Até no seu aniversário de ontem, não deram uma trégua.

Marcus: Meu avô adora uma bagunça, Renato.

Renato: Eu... nem te dei o meu presente ainda. Fiz algo diferente, alemãozinho. Eu queria algo que durasse para sempre. E consegui. Só que o meu presente... você não poderá levar. *(mostra um M tatuado no braço para Marcus. Marcus contente dá um beijo com paixão).*

(As luzes diminuem de resistência. Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Ana em cena)

Marcus: *(entrando pelo lado esquerdo)* Cheguei, mãe!

Ana: Qualquer hora você me mata, filho.

Marcus: Não precisa se preocupar, mãe. Ninguém morre de susto.

Ana: E lá no colégio? Foi tudo bem? *(Marcus diz que sim)*
Beatriz ligou, filho.

Marcus: O que ela queria, mãe? *(toca o telefone)*

Ana: Ela quer falar com você. Aliás deve ser ela no telefone. Você atende?

Marcus: Atendo. *(atende o telefone)* Alô? Oi, Beatriz, tudo bem? Lógico que reconheço a sua voz. Hoje, Beatriz? É tão importante assim? Tá legal, oito horas. Um beijo.

Ana: O que ela queria, Marcus?

Marcus: Não sei. Ela quer falar pessoalmente e virá aqui em casa às oito da noite. E o papai?

Ana: Ele vai se atrasar um pouco.

(Blecaute. Luzes normais. Beatriz e Marcus na sala).

Beatriz: Tudo bem, Marcus?

Marcus: Tudo bem, Beatriz. E com você?

Beatriz: Estou indo.

Marcus: *(pega as mãos de Beatriz e nota que estão geladas)* Você está com algum problema, Beatriz?

Beatriz: Acho que nós estamos.

Marcus: Nós?

Beatriz: Estou grávida, Marcus.

Marcus: *(assustado)* Você tem certeza de que está grávida?

Beatriz: Tenho. Estou de três meses. E você é o pai.

Marcus: Mas...Mas não é possível, Beatriz. E as pílulas?

Beatriz: Falharam. Você está chateado comigo, Marcus?

Marcus: Não, não é isso. Na verdade... não sei nem o que pensar.

Beatriz: Você gosta de mim?

Marcus: Claro que gosto. Mas... você sabe, eu... amo o Renato. Nós estamos noivos. Meu Deus! O que ele vai pensar de tudo isso?

Beatriz: Não me deixe sozinha nessa hora, Marcus.

Marcus: Beatriz, não chore.

Beatriz: Meu... pai me expulsou de casa, Marcus. Estou na rua desde às onze horas da manhã. Estou cansada e precisando de um banho para relaxar.

Marcus: Não precisa chorar. Beatriz. Jamais te deixaria na mão.

Beatriz: Desculpe... por fazer você passar... por isso, Marcus.

Marcus: Você não tem culpa nenhuma. Você precisa descansar, Beatriz.

Beatriz: Mas... e os seus... pais?

Marcus: Não se preocupe com isso.

Beatriz: Não sei se estou preparada para encarar seus pais.

Marcus: Não se preocupe com isso. Estarei ao seu lado o tempo todo. Vou buscar sua mala no seu carro. Não chore mais. Tudo vai dar certo. *(abraça Beatriz)* Não fique nervosa. Tudo vai dar certo.

Beatriz: Estou morrendo de vergonha, Marcus.

Marcus: Não precisa ficar com vergonha. Tome o seu banho sem pressa e depois vá ao meu quarto. Pode sair de toalha mesmo, que ninguém vai subir aqui.

Beatriz: Mas e os seus pais?

Marcus: Deixa que eu falo com eles.

(Bleaute. Marcus na sala sozinho. Ana e Giorgio chegam na sala pelo lado esquerdo. Marcus está nervoso, andando de um lado para outro. Giorgio percebe o nervosismo).

Giorgio: O que está acontecendo, Marcus?

Marcus: A Beatriz está grávida de três meses, pai.

Giorgio: Grávida?

Marcus: Hã, hã. E eu sou o pai.

Giorgio: Filho! Acho que a gente precisa conversar. Você não acha?

Marcus: Com certeza, pai. Mas primeiro preciso saber como ela está. Beatriz foi expulsa de casa e, até que tudo se resolva, ela terá que ficar aqui com a gente. Vocês concordam?

Giorgio: Claro, filho! Ela pode ficar aqui o tempo que quiser. Não é, Ana?

Ana: Sem dúvida, Giorgio. Será que ela não quer comer alguma coisa, Marcus?

Marcus: Não sei, mãe. Além de cansada, ela está muito envergonhada.

Ana: Então vá ver ela, Marcus. Nós esperamos você aqui na sala.

(Blecaute. Pausa. Luzes normais. Ana está dormindo no sofá. Marcus e Giorgio estão sentados de frente para outro)

Marcus: A Beatriz já está dormindo.

Giorgio: Sua mãe e eu estamos meio confusos com tudo isso.

Marcus: É, pai.

Giorgio: Sem pressa, Marcus! Quando você se sentir à vontade para falar, seu pai estará aqui para ouvi-lo.

Marcus: Pai! Eu preciso de um favor seu.

Giorgio: Fala?

Marcus: Eu preciso que amanhã a mamãe não esteja em casa entre meio-dia e duas horas da tarde. *(Giorgio olha interrogativo para Marcus)* É que nesse horário o Renato vai estar aqui. Nós havíamos combinado de sair. Só que ele não sabe nada do que está acontecendo. *(silêncio)* E conversar na rua, pai, é complicado.

Giorgio: Acabo de decidir uma coisa, Marcus. Amanhã, sua mãe e eu passaremos o dia em Jundiá. Seus avós vão gostar. Sairemos de manhã e só voltaremos à noite.

Marcus: Valeu, pai.

Giorgio: Bem, Marcus, é melhor acordar a sua mãe. Nós já podemos subir? OU como vocês dizem: tá limpo?

Marcus: *(risos)* É isso aí, pai.

Giorgio: Pelo jeito, você está pensando em dormir no sofá.

Marcus: Hã, hã.

Giorgio: Venha para o nosso quarto, filho. É só colocar o colchonete ao lado da cama.

Marcus: Se o senhor não se importar, gostaria de ficar aqui na sala mesmo e sem colchonete.

Giorgio: Entendo. *(se abraçam)* Outra coisa, filho. Caso amanhã você precise de mim para alguma coisa, é só ligar para os seus avós, que estarei aqui em menos de uma hora.

Marcus: Obrigado, pai.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Beatriz e Marcus em cena, tomando café da manhã na mesa de jantar).

Marcus: Bom dia, Beatriz.

Beatriz: Bom dia, gatinho. *(abraça Marcus)*

Marcus: Você está bem melhor agora, Beatriz.

Beatriz: É que ontem eu estava muito cansada.

Marcus: Entendo.

Beatriz: Eu gosto muito de você, Marcus.

Marcus: Estamos sozinhos aqui em casa.

Beatriz: Eu sei. Ouvi seus pais conversando hoje cedo. Eles só devem voltar no fim da tarde. Você acha que se eles estivessem aqui, eu estaria com a porta aberta?

Marcus: Acho que não.

Beatriz: Posso pedir uma coisa, Marcus? Eu gostaria que você começasse a me chamar de Bia.

Marcus: Bia?

Beatriz: Hã, hã.

Marcus: Quem te chama assim, Beatriz?

Beatriz: De vez em quando, o Renato. Tudo bem?

Marcus: Tudo bem, Bia. *(risos)*

Beatriz: *(risos)* Seus pais falaram alguma coisa, Marcus?

Marcus: Ainda não pude conversar direito, mas deu para saber que eles estão muito contentes com tudo isso.

Beatriz: Contentes?

Marcus: É. Entre um filho bissexual e um heterossexual, eles preferem o segundo.

Beatriz: *(fica sem ação)* Eles sabem de alguma coisa?

Marcus: Sabem de tudo. Eu contei a eles.

Beatriz: Inclusive do Renato?

Marcus: Hã, hã.

Beatriz: E eles aceitaram tudo isso numa boa?

Marcus: Não foi tão simples assim, Beatriz, mas... aceitaram.

Beatriz: E o seu Júlio e a dona Inês?

Marcus: Também sabem.

Beatriz: *(estado de choque)* Nossa! Não sei nem o que pensar, Marcus! Tudo isso é tão incrível!

Marcus: Troque a palavra 'incrível' por 'difícil'.

Beatriz: Eu não teria a coragem que vocês tiveram.

Marcus: Entre viver e morrer, nós optamos por viver, Beatriz.

Beatriz: Como assim, Marcus?

Marcus: Viver uma vida mentirosa só para agradar aos outros é estar morto em vida, você não acha?

Beatriz: Posso perguntar uma coisa, Marcus?

Marcus: O que é?

Beatriz: Eu gostaria que você fosse muito sincero na sua resposta.

Marcus: Fale, Beatriz, o que é?

Beatriz: Bia, Marcus.

Marcus: Desculpe, é que ainda não me acostumei.

Beatriz: O que você sente por mim, Marcus?

Marcus: Eu gosto de estar com você... Não sei direito o que sinto por você, Beatriz, mas sei que sem o Renato, eu não vivo. *(Beatriz começa a chorar)* Desculpe, Beatriz. Eu não pretendia te ofender.

Beatriz: Você não gosta nem um pouquinho de mim, Marcus?

Marcus: Gosto, Beatriz, mas... é diferente. *(se levanta)*

Beatriz: *(se levanta e vai atrás de Marcus)* Eu viveria... com vocês dois.

Marcus: É melhor você tentar se acalmar, Beatriz. Tome um pouco de suco

Beatriz: Eu não quero, Marcus. Me abraça, Marcus. *(Marcus abraça Beatriz)*

Marcus: *(toca a campainha)* Beatriz! Deve ser o Renato!

Beatriz: E agora, Marcus? Eu ainda não estou preparada para falar com ele. Me sinto insegura.

Marcus: Eu sei disso. Por isso mesmo, acho melhor você ir lá para dentro.

(Beatriz sai pelo lado direito. Marcus vai atender o lado esquerdo. Entra Leonardo furioso acompanhado de Marcus que está sem entender)

Leonardo: Você deve ser o Marcus! Onde está a minha irmã? E não minta para mim! O carro dela está estacionado na porta.

Marcus: Sua irmã está descansando lá em cima. O que você quer com ela?

Leonardo: Como o que eu quero com ela? É minha irmã, cara! Beatriz? Beatriz? Beatriz?

Marcus: Você não pode ir entrando na casa dos outros desse jeito, cara!

Leonardo: Por quê? Você vai me impedir?

Marcus: Se você não parar, vou!

Leonardo: Então venha! Estou louco de vontade de encher a sua cara de porrada!

Beatriz: *(aparece assustada pelo lado direito)* Leonardo!

Leonardo: *(começa a puxar ela)* Vamos para casa, Beatriz!

Marcus: Pára com isso, cara!

(Marcus impede. Leonardo soca o nariz de Marcus que revida. Beatriz tenta ficar no meio dos dois para separar)

Beatriz: Parem! Parem! Parem!

(Marcus pára ,mas Leonardo não. Pega Marcus pelo pescoço e caem os dois. Beatriz ainda gritando para parar a briga. Marcus se livra com uma cotovelada na barriga de Leonardo. Beatriz aproveita o momento para abraçar o irmão)

Beatriz: *(chorando)* Vocês... não podem brigar. Vamos embora... Leonardo.

Marcus: Se você não quiser ir, não precisa, Beatriz!

Leonardo: Está vendo como ele provoca? Só porque é rico, acha que tem direito de azarar a irmã dos outros! Mas comigo não! Ela é de família! Tem pai, tem mãe! Não é sozinha, viu?

Marcus: Eu não estou querendo provocar você! Só acho que você tem que respeitar um pouco mais a sua irmã!

Leonardo: Quem é o irmão? Sou eu ou é você?

Marcus: É você!

Beatriz: Não comecem tudo de novo! Vamos embora, Leonardo! Mais tarde eu ligo, Marcus.

Marcus: Falou, Beatriz. *(saem Beatriz e Leonardo pelo lado esquerdo)*

(Blecaute. Pausa longa. Renato sentado no sofá, com as mãos no rosto. Marcus de pé, olhando para Renato, se ajoelha perto dele).

Marcus: Vamos conversar? *(silêncio)* Você tem razão de estar chateado comigo. Fui muito moleque. Não sei o que te contaram, mas sei que te amo, cara. *(silêncio)* Que tal me perdoar com um beijo?

Renato: Para você tudo não passa de brincadeira, não é, Marcus? *(Marcus começa a beijar as mãos de Renato)* Uma puta faria melhor que isso, Marcus! Talvez você devesse aprender mais com a Beatriz.

Marcus: Você está me ofendendo, Renato.

Renato: Eu? Você tem certeza de que sou eu?

Marcus: Sei que você está chateado comigo, mas...

Renato: Mas' o quê? Você me trai com aquela putinha e quer que eu fique calmo, é isso?

Marcus: Isso não é verdade!

Renato: *(se levanta e levanta Marcus também).* Ah, não? Olhando nos meus olhos, Marcus: você transou com ela na pousada?

Marcus: Não, mas... *(Renato empurra Marcus para cima do sofá)* Eu só fiz isso uma vez, Renato. Me escute, por favor!

Renato: Tire as mãos de mim, Marcus! *(empurra Marcus de novo para o sofá)*

Marcus: Você... me machucou.

Renato: É pouco pelo que fez!

Marcus: Você está muito nervoso, cara e...

Renato: 'E' o quê? Qualquer um ficaria puto da vida se descobrisse que o seu noivo está transando por aí!

Marcus: Eu não estou transando por aí... só fiz isso uma vez!

Renato: (*gritando*) Não importa a quantidade de vezes que você transou! É a traição que conta! TRAIÇÃO!

Marcus: Não precisa gritar, Renato!

Renato: Eu não estou gritando!

Marcus: (*silêncio*) Perdão, Renato. Não pensei que isso o deixaria tão chateado.

Renato: Não acredito no que estou ouvindo! Você só pode estar louco! O que fez pensar que eu aceitaria tudo isso numa boa?

Marcus: Beatriz.

Renato: (*mais nervoso*) Essa putinha disse isso?

Marcus: Não! Ela não disse nada. Eu é que pensei que as coisas ficariam mais ou menos bem, por ser ela a terceira pessoa. (*começa a chorar*) Desculpe, Renato. Eu pensei que nós três pudéssemos viver juntos. Você, eu e Beatriz...

Renato: (*chocado*) Não é possível, meu Deus! Você decidiu por nós que ela faria parte da nossa vida! É isso, Marcus?

Marcus: (*tenta se aproximar dele*) Foi meio inconsciente, mas é isso.

Renato: (*dá um soco no Marcus que cai no chão*) Estar com ela, Renato, não diminui em nada o que sinto por você. Viver sem ela eu consigo, mas viver sem você é impossível. Eu

amo demais você. *(começa a chorar)* Você não podia ter feito isso comigo, Marcus... Depois de tudo que a gente passou juntos.

Marcus: Perdão, Renato.

Renato: Por nós, eu enfrentei todo mundo... você... você não tinha o direito de esconder isso de mim. Não tinha... não tinha!

Marcus: Me perdoe, por favor.

Renato: Ontem à noite... os pais da Beatriz foram lá em casa. Eles estavam desesperados à procura dela. Mesmo envergonhada, dona Neusa perguntou se eu conhecia o namorado da filha deles... a única coisa que sabiam era o nome do rapaz... nem me passou pela cabeça que esse Marcus fosse você.

Marcus: *(chorando, tenta se aproximar dele novamente)* Desculpe por tentar trazer Beatriz para a nossa vida. Agora sei que é errado. Acabo de aprender do pior jeito.

Renato: Você me fez de idiota, Marcus. Me sinto humilhado. Me sinto usado. *(Marcus tenta abraçar mas não permite)* Sou tão bobo, que ainda fui tatuar essa droga no braço.

Marcus: Por favor, Renato. Vamos esquecer tudo. Beatriz não existe mais. Só eu e você para sempre.

Renato: Não dá mais, Marcus.

Marcus: Tudo é possível, Renato. Me escute, por favor.

Renato: Não, Marcus. Fique com ela.

Marcus: Não me deixe! Eu preciso de você! Eu amo você!

Renato: Você não me ama!

Marcus: *(silêncio)* Você tem que acreditar em mim, Renato!

Renato: Tchau, Marcus. *(olha para o rosto de Marcus e sai pelo lado esquerdo. Marcus vai atrás mas não fala nada e fica sozinho na sala. As luzes diminuem de resistência. Blecaute. Luzes normais. Marcus chorando no sofá, entra Giorgio pelo lado direito).*

Giorgio: Marcus?

Marcus: Pai!

Giorgio: Eu gostaria de falar com você, filho! Tudo bem?

Marcus: Tudo bem, pai. Que horas são agora?

Giorgio: Oito horas.

Marcus: Obrigado pai.

Giorgio: *(se senta ao lado da Marcus e vê o rosto)* O que foi isso no seu rosto, Marcus? Está inchado!

Marcus: Não é nada, pai. Depois a gente fala.

Giorgio: As coisas não devem Ter acontecido do jeito que você queria, certo?

Marcus: Deu tudo errado, pai. Mas acho que amanhã tudo se resolverá. Tenho que acreditar nisso.

Giorgio: Você não acha importante falarmos sobre o que está acontecendo?

Marcus: Acho, pai.

Giorgio: Sabe como é filho, depois do que aconteceu entre você e a Beatriz, sua mãe e eu achamos que talvez você precise de orientação. *(Marcus dá um sorriso)* Eu estou falando sério, Marcus. Não sei exatamente sua mãe e eu erramos, mas de alguma forma nós não demos a educação correta para você. Num ponto qualquer você ficou psicologicamente preso dentro de um mundo pequeno e errado, que acabou fazendo com que pensamentos estranhos fossem considerados por você como normais. A

prova dessa limitação é que, na primeira oportunidade que surgiu à sua frente, você acabou fazendo sexo com uma garota. E não venha me dizer que não gostou. Você até a trouxe para dentro de casa. Estou mentindo?

Marcus: O senhor não está mentindo. Eu gostei de transar com a Beatriz, mas...

Giorgio: Eu sabia que estava certo! Ainda não acabei, filho! Você e a Beatriz poderiam viajar. Que tal conhecer a Europa, Marcus?

Marcus: Pai, não é por aí.

Giorgio: Marcus, se vocês preferirem, viajem para outro lugar. Estados Unidos, Canadá, sei lá, você escolhe.

Marcus: Pai! O senhor sabe que não é disso que estou falando.

Giorgio: Marcus, me escute! Não foi bom fazer sexo com uma mulher?

Marcus: Foi, pai, mas...

Giorgio: Então, filho! Só lhe falta orientação.

Marcus: Pai! Na verdade eu sou bissexual.

Giorgio: Você não sabe!

Marcus: Como não sei, pai?

Giorgio: Marcus! No dia da confusão, você me disse que era homossexual. Agora você me diz que é bissexual? *(Marcus faz cara de que o pai tem razão)* Marcus! Fazer a coisa certa é uma questão de costume, de hábito, filho! De hábito! Filho, eu só peço uma coisa. Vamos procurar um psicólogo! Sua mãe conhece um muito bom que, com certeza, poderá nos ajudar.

Marcus: Pai, acho que perderíamos tempo falando com alguém assim.

Giorgio: Mas, filho, toda tentativa é válida. Dê essa chance a você mesmo!

Marcus: Pai, a minha realidade é outra.

Giorgio: Vamos tentar, Marcus! É importante!

Marcus: Tudo bem, pai. Eu aceito ir a um psicólogo, mas tem uma condição.

Giorgio: Pode pedir qualquer coisa, filho. Eu aceito!

Marcus: Calma, pai. Não é tão fácil assim.

Giorgio: Seja o que for, eu aceito. Peça, filho!

Marcus: Eu gostaria que o senhor conhecesse um pouco mais do meu mundo. Esta é a minha condição, pai.

Giorgio: Vamos em frente!

Marcus: Pode não ser leve, pai.

Giorgio: Tudo bem. Estou preparado.

Marcus: Posso começar a falar, senhor Giorgio? *(os dois sorriem)* Disfarçadamente, pai, olhe para trás e veja o casal de namorados ali *(indica com a cabeça, a platéia. Giorgio olha para a platéia disfarçadamente)* Olhe bem, pai.

Giorgio: Olhei.

Marcus: O seu filho acha a garota um tesãozinho. *(Giorgio concorda)* Só que o seu filho aqui, pai, também acha o rapaz um tesãozinho. *(Os dois ficam envergonhados)* Posso continuar, pai? Então, pai, o senhor tem idéia de quantas vezes eu já me masturbei pensando em rapazes iguais a este? *(Giorgio fica de cabeça baixa)* Sabe, pai, eu nunca me senti um sem-vergonha por isso. Esse desejo vem de dentro, pai. De dentro. Não dá para controlar. Pai, eu gosto da figura

masculina. Acho bonito. Tenho tesão. Pai! A Beatriz não foi a primeira garota com quem saí, mas foi a única que fez coisas diferentes comigo. Além daqui que o senhor considera normal, ela curte muito me chupar atrás... brincar com os dedos e outras coisas mais. (*Giorgio suspira fundo*) Voltando no tempo, pai, o senhor tem idéia de como foi difícil para mim Ter que ser duas pessoas dentro de uma? De um lado, o filho prodígio do senhor Giorgio e da dona Ana; e de outro, um garoto que sente tesão por rapazes. Pai, eu estava com treze anos quando tudo isso começou. O senhor não pode imaginar o que foi a minha cabeça dos treze aos quatorze anos, pai. Tudo foi muito difícil... (*chorando*) Pai... tem mais uma coisa que o senhor precisa saber. (*Silêncio*) Pai! Lembra quando me cortei fazendo pipa e fui parar em estado grave no hospital? Não foi por acidente... que a gilete cortou o meu pulso. (*os dois começam a chorar*) Desculpe... pai...

Giorgio: Filho... (*chorando*) Meu Deus! Onde eu estava... quando... tudo isso aconteceu? Filho, eu...

Marcus: Desculpe... pai. (*Giorgio não consegue falar*) Pai, eu sei que ninguém tem o direito de tirar a própria vida, mas naquela época as coisas estavam muito confusas na minha cabeça. O medo, a insegurança e a humilhação viviam comigo todos os dias. Tenho até vergonha de contar ao senhor o que me levou a fazer aquela besteira...

Giorgio: Filho, por favor, me conte tudo.

Marcus: Parece que problema puxa problema, pai. Se não bastasse toda a confusão que já rolava na minha cabeça, ainda fui cometer um erro gravíssimo no colégio.

Giorgio: No colégio, filho?

Marcus: No antigo colégio, pai. Naquele dia, pai, cheguei atrasado ao colégio e acabei sentando em qualquer carteira. Estava assistindo à aula - era de matemática -, quando alguém me passou a mão. Era o cara da carteira de trás. O líder da turma, o que não tinha medo de nada e o que enfrentava todo mundo. Com certeza, ele fez isso de brincadeira e eu muito burro...

Giorgio: Fale, filho.

Marcus: Eu muito burro, pai, em vez de reagir, fiquei quieto, fingindo que não era comigo. Eu tinha muito medo dele, pai... daí para frente, a minha vida se transformou num inferno. *(começa a chorar)*

Giorgio: Tudo isso é passado, filho. O importante é que agora estamos juntos.

Marcus: Ele e sua turma, pai, acabaram comigo. Não me respeitavam. Todos os dias mexiam comigo na frente de todos. Isso acontecia nos corredores, na sala de aula e no pátio. Às vezes com palavras pesadas... passadas de mão... Também por me recusar a dar dinheiro a eles... apanhei muito, pai... eram tapas no rosto... empurrões... rasteiras... cadernos rasgados... livros roubados... tanta coisa, pai... tanta coisa...

Giorgio: Filho, eu... eu... *(corre para o outro lado para que Marcus não veja seu rosto)*.

Marcus: Pai! *(vai atrás dele)*

Giorgio: Me perdoe, filho... me perdoe... onde eu estava... quando tudo isso aconteceu? Me perdoe... me perdoe...

Marcus: Pai... o senhor não teve culpa de nada. Eu é que sou uma droga de filho. *(Se abraçam)* Pai, se possível, gostaria que o senhor não contasse nada para a mamãe do que nós conversamos aqui. Tenho vergonha, pai.

Giorgio: Ela é sua mãe, mas se você prefere assim, tudo bem.

Marcus: Valeu, pai.

Giorgio: Marcus! Eu gostaria de saber o que aconteceu com o seu rosto. Está um pouco inchado, filho.

Marcus: Renato e eu brigamos, pai.

Giorgio: Violência física, filho! Isso não está certo.

Marcus: Sei que não, pai. Mas se existe um culpado nessa história, esse culpado sou eu. Não fui nada honesto com Renato.

Giorgio: Filho, nada justifica uma agressão física!

Marcus: Pai, senhor também me agrediu quando lhe contei da minha opção sexual.

Giorgio: E me arrependo disso até hoje.

Marcus: Renato também já deve estar arrependido do que fez. Vou contar tudo o que aconteceu naquela tarde, pai. Vamos sentar.

(Voltam para sentar. Marcus começa a contar sem voz. A luz vai diminuindo. Blecaute. Foco de luz. Marcus, Renato e Guilherme em trajes de colégio. Renato e Guilherme conversam embaixo do foco. Entra Marcus).

Marcus: Oi! Podemos falar, Renato?

Renato: Nós não temos o que falar!

Marcus: É lógico que temos!

Guilherme: *(percebendo algo errado)* Vou deixá-los à vontade para conversarem.

Renato: Fique aí mesmo! Eu não tenho assunto nenhum a tratar com o Marcus!

Guilherme: *(sem graça)* Conversem! Afinal de contas vocês são amigos há tanto tempo.

(Renato tenta ir com Guilherme, mas Marcus segura Renato)

Marcus: Espera, cara! Preciso falar com você!

Renato: Você está surdo, Marcus? Já falei que não temos assunto nenhum a tratar.

Marcus: Renato, por favor, não exagere!

Renato: Eu estou exagerando? Você fez o que fez e o filho da puta sou eu?

Marcus: Nós temos que conversar, cara!

Renato: Tire suas mãos de mim, Marcus!

Marcus: Renato, o que aconteceu já é passado! Me escute, por favor!

Renato: O filho que a Beatriz carrega na barriga não é passado!

Guilherme: De que filho vocês estão falando?

Renato: A Beatriz está grávida do Marcus!

Guilherme: Não acredito! E você dizia que não a suportava, Marcus!

Marcus: Renato, vamos conversar em outro lugar, por favor!

Renato: Não!

Marcus: Dá para gritar menos, Renato?

Renato: Não, não dá!

Marcus: Você quer dar o mesmo show que sua mãe deu na minha casa? É isso?

Renato: *(empurra Marcus)* Não fale da minha mãe, Marcus!

Marcus: Por quê? Você vai me bater?

Renato: Não me provoque, Marcus!

Marcus: Provoco sim! Quem sabe dando umas porradas você fica mais calmo! Ou você não é homem para isso?

Guilherme: *(segura o Renato furioso)* Vá embora, Marcus!

Marcus: Não vou, Guilherme! Vem, Renato! Vem! Vem!

(Renato se solta, avança para Marcus. Fecha o foco rápido. Blecaute. Luzes normais. Entra Marcus com Guilherme ajudando, pelo lado esquerdo).

Guilherme: E aí, Marcus?

Marcus: Tudo bem. E o Renato?

Guilherme: Acho que vai pegar uma suspensão de três dias e você também. Por que você tinha que provocá-lo, Marcus?

Marcus: Eu não provoquei nada. Se ele falasse comigo, nada disso teria acontecido.

Guilherme: Marcus, é óbvio que ele não quer ver você nem pintado de ouro. Primeiro você transa com a namorada dele, depois você engravida a garota e, por último, ainda ofende a mãe do cara. Você quer o quê? Que ele converse com você numa boa?

Marcus: Não é bem assim, Guilherme.

Guilherme: É claro que é. E tem mais, o colégio inteiro já sabe que a Beatriz espera um filho seu. Imagine só com que cara o Renato vai ficar na frente de todos.

Marcus: Quando saí com a Beatriz, eles já não eram namorados.

Guilherme: Só que continuavam saindo. E você sabia disso.

Marcus: Sabia mais ou menos, Guilherme.

Guilherme: No fundo, Marcus, você não respeitou o seu melhor amigo.

(Entra Ana pelo lado esquerdo).

Marcus: Mãe, este é o Guilherme.

Ana: Muito prazer. Olha o estado do seu olho, filho. Você sabe que não deve brigar, ainda mais no colégio. Até parece que seu pai e eu não lhe demos educação.

Guilherme: Bem, vou indo. Se cuida, Marcus.

Marcus: Você também, Guilherme. Obrigado pela ajuda.

(Ana acompanha Guilherme para fora da cena e volta).

Ana: Nunca mais faça isso, Marcus!

Marcus: Mãe, aconteceu.

Ana: É fácil para você dizer 'aconteceu', só que quem passou vergonha na frente do diretor fui eu. Essa história de briga tem que parar! OU você pensa que no Domingo não percebi que seu rosto estava inchado? Só não falei nada porque seu pai pediu e garantiu que estava tudo bem. Hoje, o diretor foi categórico em afirmar que foi você quem provocou tudo. *(silêncio)* Marcus, você e a Beatriz fazem um casal tão bonito, filho! A beatriz, além de bonita é tão educada, filho.

Marcus: Mãe, eu gosto muito da Beatriz, mas amo o Renato.

Ana: Marcus!

Marcus: Me desculpe, mãe.

Ana: Não sei o que tanto você e seu pai conversaram! Não resolveram nada! Aliás, seu pai é outro, fala, fala e fala e fica tudo por isso mesmo!

Marcus: Mãe, as coisas não são tão simples quanto à senhora pensa.

Ana: Deixe estar!

(Entra Beatriz no lado direito. Vê Marcus e Ana conversando. Sai Ana pelo lado direito).

Beatriz: *(vai até Marcus e vê o olho)* Ficou bem roxo, Marcus. *(beija no olho).*

Marcus: Como você soube, Beatriz?

Beatriz: A Katarina estava lá. Viu toda a briga e em seguida me telefonou.

Marcus: Bem gazetinha a sua amiga, hein?!

Beatriz: Ela não é gazetinha. É minha amiga.

Marcus: Me desculpe.

Beatriz: *(começa a beijar Marcus no rosto, mãos, pescoço)* Por que você não toma um banho para relaxar, Marcus?

Marcus: É o que vou fazer.

Beatriz: Vou com você, Marcus. *(olha para Beatriz)* Sua mãe não vai falar nada. Pode ter certeza.

Marcus: Mas, Beatriz...

Beatriz: Vamos subir, Marcus.

Marcus: Beatriz, eu preciso ficar sozinho.

Beatriz: O que foi? Fiz alguma coisa errada?

Marcus: Não é isso... Deixe me sozinho, por favor.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Marcus sentado na mesa de jantar, escreve uma carta. Uma gravação revela o que Marcus escreve)

Marcus: *(off, gravação)* Renato, Você tem que me perdoar. Eu não sabia o que estava fazendo. É verdade que a Beatriz me atrai de alguma forma, mas foi você quem provocou isso com as minhas histórias. Eu amo você, cara. Paixão mesmo, daquelas que fazem a gente morrer por alguém, eu só sinto por você. Se você me abandonar, eu morro, cara. Eu morro. Se você quiser, Renato, se você quiser, eu largo tudo por você. Podemos até fugir, cara. Fale comigo, por favor... Renato, você pode até não me perdoar, mas pelo menos me escute. Por favor, eu imploro! Estou esperando você na pracinha perto do colégio, após a última aula. Você pode não acreditar, mas eu amo você! Marcus. *(dobra o envelope e grampeia)*

(Toca a campanha. Marcus vai atender no lado esquerdo. Entra Guilherme com Marcus).

Marcus: Quem bom que você veio o mais rápido possível, Guilherme. Preciso de sua ajuda. Um grande favor, seu, cara.

Guilherme: Se puder... o que é?

Marcus: Preciso que você entregue um bilhete para o Renato.

Guilherme: Marcus! Desista dessa amizade, cara.

Marcus: É importante! Por favor!

Guilherme: Tá legal. Cadê o bilhete? *(Marcus entrega o bilhete para Guilherme)*

Marcus: Valeu mesmo, cara! Muito obrigado.

Guilherme: Tudo bem, Marcus. Mais ainda acho que você perdeu o seu tempo.

(Guilherme sai pelo lado esquerdo. Marcus fica ansioso. Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Beatriz, Ana, Giorgio, Narciso, Leonardo e Neusa em cena, sentados na sala. Entra Marcus).

Ana: Marcus, como você demorou. Já estávamos preocupados.

Marcus: Me desculpe, mãe. É que passei na casa de um amigo.

Beatriz: *(vai até Marcus e beija na boca)* Tudo bem, Marcus?

Marcus: Tudo bem, Beatriz.

Beatriz: Deixe te apresentar os meus pais. Este é a minha paixão, o senhor Narciso.

Marcus: Muito prazer.

Narciso: Pode me chamar de Ciso, filho.

Beatriz: E esta é minha mãe, dona Neusa.

Ana: Convidei os pais da Beatriz para comerem pizza com a gente... Só estávamos esperando você chegar, filho.

Beatriz: *(puxa Marcus para um canto)* Marcus! *(abraça Marcus)* Está tudo bem mesmo, gatinho?

Marcus: Não, Beatriz. Estou com o saco na lua. De novo não consegui falar com o Renato.

Beatriz: Quer que eu tente uma aproximação entre vocês? Ou nós?

Marcus: Não seria uma boa idéia. *(silêncio)* E o seu carro, Beatriz? Não o vi na porta.

Beatriz: Está na oficina. Estamos com o Tempira da sua mãe.

Ana: Marcus, o senhor Narciso é contador como o seu tio Sandro. Não é interessante?

Marcus: É interessante, mãe.

Ana: Eles não formam um casal bonito, Neusa.

Neusa: Com certeza, Ana. Até parece que um foi feito para o outro. Sabe, Ana, Narciso e eu temos um sonho...

Beatriz: *(interrompendo Neusa)* Mãe! A senhora prometeu!

Neusa: Sei que prometi não falar, mas...

Ana: Beatriz, deixe sua mãe falar. Fale, Neusa! O que é?

Neusa: *(olha para Narciso e recebe a aprovação do marido)* Além de ver Beatriz casando na igreja, evidentemente com tudo o que tem direito, Narciso e eu não pouparemos gastos, nós...

Beatriz: Mãe! Por favor!

Neusa: Nós gostaríamos que a Beatriz e o Marcus se casassem na igreja da Penha. Foi na igreja da Penha, Ana, que Narciso e eu nos casamos. Foi tão bonito.

Ana: Não conheço essa igreja, Neusa. É bonita?

Neusa: Simples, mas bonita. Da próxima vez que viermos aqui trarei o álbum do meu casamento. Narciso pediu ao fotógrafo que também tirasse fotos de toda a igreja por fora. O rapaz fez tão bem o serviço que até fotografou a ladeira da Penha. Como era mesmo o nome dele, Narciso?

Narciso: Linhares.

Ana: Traga o álbum, sim. Nós queremos muito ver. Não é Giorgio?

Giorgio: Claro, Ana.

Narciso: O álbum é muito bonito. Tem fotos grandes e bem tiradas.

Neusa: E ainda, Ana, o Narciso mandou encapá-lo com veludo vermelho. Tem uma placa dourada e tudo com os nossos nomes gravados. O Narciso mandou fazer a placa

no centro da cidade. Ficou chique, não é bem? Você vai adorar, Ana! Beatriz ainda não sabe, Ana. Mas já andei vendo algumas vitrinas de lojas no bairro da Luz.

Ana: Bairro da Luz?

Neusa: É, Ana. Na rua São Caetano. A rua das noivas.

(Marcus procura se afastar até um canto no lado esquerdo como se querendo sair. Beatriz vai atrás).

Beatriz: Você quer passar na casa do Renato. Não é isso?

Marcus: É isso aí, Beatriz. Segure a barra até eu voltar.

Beatriz: Tudo bem, gatinho. Eu também sinto muito a falta dele. Você sabe que, por mim, estaríamos nós três.

Marcus: Valeu, Beatriz.

Beatriz: Marcus?

Marcus: O que é?

Beatriz: Desculpe pelas besteiras de minha mãe. Essa história de casamento é coisa da cabeça dela.

Marcus: Não esquentar não. Sei que você não prometeria nada aos seus pais sem antes conversarmos. *(sorrisos e abraços)* Beatriz, você sabe que eu gosto muito de você, não sabe?

Beatriz: Sei.

Marcus: Sabe também que, por mim, estaríamos nós três.

Beatriz: Hã, hã.

Marcus: Só que fiz tudo errado. Deixei rolar a coisa toda, imaginando que no final tudo daria certo. Não deu. Apostei tanto em mim, que fui capaz de mentir para a pessoa que mais amo no mundo. Por isso, Beatriz, mesmo sabendo que esse assunto a deixa magoada, é importante não

esquecer que entre a gente nada está resolvido. Pelo menos por enquanto.

Beatriz: Marcus, você está certo. É muito ruim mentir para quem se ama. *(começa a chorar)* Eu preciso muito lhe contar uma coisa, Marcus.

Marcus: O que é?

Beatriz: O nosso encontro na pousada não foi coincidência do destino.

Marcus: Não estou entendendo, Beatriz.

Beatriz: Promete que você não vai ficar chateado comigo? Tudo o que fizemos foi por amor.

Marcus: Fale, Beatriz!

Beatriz: Hoje, Marcus, posso dizer que tenho dois amores. Renato e você.

Marcus: Beatriz, fale logo!

Beatriz: A minha estada na pousada foi toda arranjada de última hora. Sua mãe e eu preparamos tudo.

Marcus: Não acredito! Como minha mãe pôde fazer isso comigo? De você Ter participado, eu até entendo. Naquela época, além de não nos conhecermos tão bem como hoje, você ainda brigava pelo seu namorado. Mas minha mãe?

Beatriz: Ela fez por amor, Marcus.

Marcus: Mas, Beatriz, você estava na pousada com algumas amigas. Não estava?

Beatriz: Elas não eram minhas amigas. Na verdade só as conheci na pousada. Se lembra do Ronaldo? O recepcionista?

Marcus: Lembro. O que tem ele?

Beatriz: Foi ele quem arranjou tudo. Sua mãe deu um bom dinheiro por fora.

Marcus: Como assim, Beatriz? Minha mãe só ficou sabendo o nome da pousada no dia da viagem.

Beatriz: Engano seu, Marcus. Ela e sua amiga Lúcia vasculharam todos os números de hotéis e pousadas da região de Boiçucanga e Barra do Sahy, e telefonaram até que encontraram a sua reserva. Depois, foi fácil: o tal Ronaldo foi quem conseguiu tudo por lá. As garotas com quem dividi o quarto iram voltar pois já estava sem dinheiro. Eu fui a salvação para elas poderem passar o reveillon lá. O Ronaldo trabalhou bem.

Marcus: Filho da puta! *(Beatriz abraça Marcus mais forte)* Você sabe se meu pai participou dessa farsa?

Beatriz: Ele nem imagina, Marcus. *(recomeça a chorar)*

Marcus: Beatriz, não precisa chorar. Não estou chateado com você. Na época você tinha motivos muito fortes para fazer isso.

Beatriz: Marcus, o que me preocupa é a sua mãe. Se ela souber que eu contei tudo...

Marcus: *(interrompe Beatriz)* Ela nunca saberá. Faça isso por você. *(se beijam)* Agora preciso ir, Beatriz.

Beatriz: Tudo bem, gatinho.

(Sai Marcus pelo lado esquerdo. Beatriz fica sozinha, com os pais conversando o tempo todo. Blecaute. Foco de luz. Carlos embaixo desse foco. Entra Marcus).

Carlos: Marcus?

Marcus: Oi, Carlos. Tudo bem?

Carlos: Tudo bem. E com você?

Marcus: Vou indo, cara. Vou indo.

Carlos: Você quer entrar?

Marcus: O Renato está?

Carlos: Ele saiu, Marcus. *(silêncio)* Você quer entrar?

Marcus: Você sabe aonde o Renato foi?

Carlos: Não sei. Mas acho que era algo importante. Ele disse que precisava do carro de qualquer jeito.

Marcus: Ele saiu sozinho, Carlos?

Carlos: Saiu.

Marcus: Por que será que ele precisava tanto do carro?

Carlos: O que você disse, Marcus?

Marcus: Não disse nada. Vou procurá-lo. Valeu, Carlos.

(Blecaute. Pausa longa. Luzes normais. Giorgio na sala, preocupado. Marcus entra).

Giorgio: *(vendo Marcus)* E aí, filho? Algum problema?

Marcus: Não, pai. Comigo está tudo bem. Com o carro da mamãe também. Tente procurar Renato mas não achei ele e m nenhum lugar.

Giorgio: Pois bem, filho. Sua mãe e eu estamos indo para Jundiaí para a casa de seus avós e só voltaremos amanhã à tarde.

Marcus: Vou com vocês, pai.

Giorgio: Não, não vai. A Beatriz precisa muito falar com você. Ela ficou de passar aqui lá pelas nove horas.

(Entra Ana que vai até Giorgio e faz gestos de que já podem ir embora. Saem Giorgio e Marcus, despedindo de Marcus. Blecaute. Pausa curta. Luzes normais. Marcus sentado na sala, pensando).

Marcus: *(toca a campainha, atende no lado esquerdo)* Renato!
(Renato vai entrando e empurrando Marcus para a sala) O que foi

que eu fiz, cara? Você está chateado pelo bilhete que mandei pelo Guilherme? É isso? *(continua empurrando)* Fale, cara! É isso?

Renato: Cale a boca, Marcus!

Marcus: Não calo.

Renato: *(prende Marcus)* Você é foda, hein, Marcus? Além de aprontar, ainda quer me enfrentar! Olha o seu tamanho perto do meu, cara. *(coloca a boca perto da boca de Marcus)* Perdeu a noção do perigo, alemãozinho? *(Marcus começa a chorar)* Sei que não devia, mas amo muito você, Marcus. *(Renato começa a beijar suave nos pescoço de Marcus)* Eu amo tanto você alemãozinho, que até aceito uma relação a três. Se vai dar certo, eu não sei. Mas acho que devemos tentar. Só não quero mentiras, Marcus.

Marcus: Nunca mais, cara. Nunca mais.

Renato: Beatriz também gostou de saber que agora somos três, Marcus. Aliás, se não fosse por ela e pelo seu pai, não estaríamos aqui sozinhos.

Marcus: Meu pai?

Renato: Depois eu conto o que rolou. Agora, eu quero um abraço.

Marcus: *(abraça)* Que saudades, cara. *(começa a beijar e chorar ao mesmo tempo)*

Renato: Não vale chorar, Marcus.

Marcus: Me desculpe, cara. É que é tão bom estar aqui com você. Renato?

Renato: Fale, Marcus.

Marcus: Tive medo de perdê-lo para sempre. Acho que morreria.

Renato: Eu também. Só que esse medo ficou no passado. Não vamos mais falar sobre isso. Tudo bem?

Marcus: Tudo bem, cara. Você está mais gostoso ainda, cara. Renato?

Renato: Fala.

Marcus: Você me disse que o meu pai e a Beatriz foram responsáveis por estarmos aqui sozinhos. É isso?

Renato: É isso mesmo, Marcus. A confusão toda começou na Sexta-feira. Primeiro o Guilherme esquecer de me entregar o seu bilhete. Só fui recebê-lo à noite, quando já estava em casa.

Marcus: Foi o bilhete que fez você voltar?

Renato: Ajudou. Na verdade eu já estava pensando nisso. Saudade é um horror, cara. (*beijos*) Como já era tarde, peguei o carro do Carlos emprestado e fui até a sua casa. Só sua mãe estava lá. Ela me disse que você tinha ido para Jundiaí na casa de seus avós.

Marcus: Você está brincando!

Renato: Não estou, cara. Ai, não pensei duas vezes, Marcus. Fui até Jundiaí.

Marcus: Que loucura, cara. Por que será que a minha mãe mentiu?

Renato: Ela quer que você fique com a Beatriz e não comigo. Quando voltei para São Paulo, não sabia exatamente o que fazer e, após rodar muito com o carro, decidi passar novamente na sua casa. Você já havia saído e a Beatriz, com o carro do seu pai, tinha ido levar os pais dela e o irmão para casa. Seus pais discutiam muito quando

cheguei. O senhor Giorgio havia descoberto tudo por causa de um telefonema do seu avô.

Marcus: Que absurdo, cara!

Renato: O clima entre eles esquentou legal, Marcus. Imagina como foi ruim para mim estar no meio de toda a discussão. Seu pai disse para sua mãe que a mentira dela e o jantar arranjado com a família da Beatriz haviam provocado em você uma atitude que não era sua. Eles pensaram que você havia fugido de casa.

Marcus: Isso é muito louco, cara.

Renato: A coisa pegou fogo mesmo, Marcus, quando sua mãe disse achar muito estranho um pai incentivar a homossexualidade do filho. Nessa hora tive a impressão de que algum sentimento havia morrido dentro do seu pai. *(silêncio)* Não sei exatamente como tudo rolou, mas após saber que você não havia fugido de casa, que nada de ruim tinha acontecido e que, provavelmente, eu e você precisaríamos conversar, seu pai decidiu que isso deveria acontecer num lugar decente. E não na rua. Pelo que entendi, sua mãe engoliu a seco as decisões dele.

Marcus: A vida não presta, Renato. Não podia ser tudo diferente? Não acredito que Deus seja contra a união de pessoas como a gente. O próprio ser humano constrói o seu inferno.

Renato: Sem tristeza, Marcus. Que tal passarmos uma borracha em cima de tudo? Vamos deixar os problemas para depois. Hoje a noite é nossa, cara, só nossa.

Marcus: Você tem razão. É melhor esquecermos.

Renato: O que você acha de relaxarmos na banheira de hidromassagem de seus pais, Marcus?

Marcus: Agora?

Renato: Não, amanhã quando eles estiverem em casa.

Marcus: Não precisava ser grosso, cara. Eu só estava brincando.

Renato: *(risos)* Vamos ver quem chega primeiro ao banheiro, Marcus?

(Marcus e Renato correm para o lado direito. Blecaute. Uma gravação será ouvida pela voz de Marcus).

Marcus: *(off, gravação)* Renato, Beatriz e eu tivemos a casa à nossa disposição. Meus pais se mudaram para uma cobertura em Higienópolis, levando boa parte dos seus móveis e deixando apenas os básicos. Alguns problemas precisaram ser resolvidos. Como contar aos pais da Beatriz - sem chocá-los - que a filha deles, grávida, iria morar com dois rapazes? Pensamos em muita coisa, mas acabamos decidindo pela verdade. Todo um esquema foi preparado. Meu pai, com o objetivo de dar seriedade e compromisso, queria conduzir tudo e para isso marcou um jantar com o senhor Narciso e a dona Neusa. Engordando as fileiras de convencimento, os pais do Renato também foram convidados. Nesse jantar, com certeza duas pessoas se sentiram contrariadas: minha mãe e a mãe do Renato. Mas, segundo meu pai, nada fizeram para atrapalhar. Duas semanas foram necessárias para que os pais da Beatriz entendessem que não havia outro jeito. Querendo ou não, o senhor Narciso e a dona Neusa tiveram que esquecer o vestido de noiva, a igreja da Penha, o álbum de fotos e

outras besteiras mais. Renato seria apresentado como o irmão mais velho de Beatriz. Já para parentes e amigos das famílias - isso também incluía meus avós - ninguém poderia saber a verdadeira situação. O único cuidado que teríamos que tomar era o de não sermos visitados ao mesmo tempo por parentes de famílias diferentes. Para os meus, eu seria o pai da criança e estaria vivendo com Beatriz. Para os parentes de Renato, ele seria o pai, e eu apenas uma visita.

(Luzes normais. Marcus, Beatriz e Renato na sala. Um champanhe e três taças na mesa. Um sofá está em formato de cama).

Marcus: E então? Que acharam da nossa cama especial?

Beatriz: É linda, Marcus.

Marcus: foi feita sob encomenda a um dos melhores marceneiros da São Paulo. Abriga quatro pessoas confortavelmente.

Renato: Marcus, cabem mais de três pessoas ali.

Marcus: E o bebê, quando chegar? Não conta? *(risadas)*

Renato: Me desculpe, Marcus.

(Marcus abre o champanhe e serve as taças. Renato levanta sua taça).

Renato: Ao nosso futuro! Felicidade, amor, dinheiro e muito, muito sexo para nós quatro!

Marcus: Quatro?

Renato: O bebê, Marcus!

(Começam a dançar ao som de algumas músicas antigas. As luzes vão diminuindo de resistência. Todos caem na cama sofá. Blecaute. Foco sobre a cama).

Marcus: Se o que fazemos for pecado, espero que Deus nos perdoe.

Renato: O que está preocupando você, Marcus?

Marcus: Nada, Renato. Só estou pensando alto. Às fico com esses pensamentos estranhos.

Renato: Tanto amor não pode ser pecado, Marcus. Você não acha, Beatriz?

Marcus: Ela dormiu, Renato.

Renato: Que tal fazermos o mesmo?

Marcus: Se você me abraçar, tudo bem.

Renato: Marcus? Você está dormindo?

Marcus: Não.

Renato: Amanhã não posso perder a hora. Tenho que me levantar antes das seis da manhã.

Marcus: Aonde você vai? Pensei que passaríamos o dia juntos.

Renato: Preciso devolver o carro para o Carlos antes das sete horas e...

Marcus: Vou com você e depois a gente volta para o apartamento.

Renato: Não dá, Marcus. Amanhã é a primeira consulta de minha mãe com um psicólogo e eu fiquei de acompanhá-la. Além do mais, é importante que eu passe o dia com ela.

Marcus: A que horas é a consulta?

Renato: Acho que as duas da tarde. *(beija Marcus no pescoço)* Vocês vão passar o dia todo aqui, Marcus?

Marcus: Temos que passar. Amanhã devem entregar a máquina de lavar roupas e a secadora.

Renato: O que mais você comprou?

Marcus: Só isso. O restante das coisas escolheremos juntos. E, se Deus quiser, estará tudo pronto em duas

semanas. O marceneiro deve entregar todos os armários ainda esta semana.

Renato: Marcus? Por acaso, você não comprou um rádio-relógio. Comprou?

Marcus: Claro que não. A única coisa que controla horas aqui é o relógio da cozinha. E só comprei porque a vendedora me empurrou a venda. Mas ele é bonito, não é?

Renato: Mais ou menos.

Marcus: *(risos)* Sem enrolar, Renato. A que horas você vai estar aqui amanhã?

Renato: Nós vamos passar a noite aqui, Marcus?

Marcus: Vamos.

Renato: No máximo oito horas da noite, cara.

Marcus: Fechado. Vou pedir pizza e esperamos você para comer. Ok?

Renato: Como você vai pedir pizza se seus pais também levaram o telefone?

Marcus: eu peço de um orelhão. Você não me respondeu, Renato. Podemos esperar você com a pizza?

Renato: Se for portuguesa, podem. *(silêncio)* Marcus?

Marcus: Fala?

Renato: Eu amo demais você, cara.

Marcus: Então me abraça mais forte.

(Blecaute. Pausa longa. Beatriz sentada na mesa tomando café. Marcus ainda deitado na cama sofá).

Beatriz: *(vendo Marcus acordando)* Bom dia, gatinho.

Marcus: *(espreguiçando)* Bom dia.

Beatriz: O Renato deixou um bilhete para nós. *(se levanta e vai até Marcus entregar o bilhete e volta)*

Marcus: *(lê)* Marcus e Beatriz. Estarei aqui lá pelas oito horas da noite. Não se esqueçam de duas coisas importantes: primeiro, não façam muito sexo sem mim e segundo, quero pizza portuguesa. Um beijo, Renato. Você o viu sair, Beatriz?

Beatriz: Não. Acho que ele acordou bem cedo. Me levantei às sete horas e ele já não estava. E você, dormiu bem?

Marcus: Muito bem. Vem me dar um abraço.

Beatriz: Tome seu café primeiro, porque senão vai esfriar. Não esqueça que não temos fogão para esquentar.

Marcus: Dane-se o café. Depois eu tomo frio mesmo.

Beatriz: Além do café pronto, também comprei creme dental na padaria. Eles só não tinham escovas de dentes. Teremos que escovar com o dedo.

Marcus: Aliás, falou em dedo é com você mesma.

Beatriz: Marcus!

Marcus: Venha me dar um abraço, Beatriz. *(Beatriz vai até Marcus e dá um abraço).*

(Blecaute. Foco de luz. Marcus ansioso com Beatriz ao lado).

Marcus: Oito e meia e nada do Renato aparecer. Mesmo estando com fome não vou tocar na pizza.

Beatriz: Calma, Marcus. Vamos deitar na sala e ligar a tv. Ele vai chegar. Vamos esperar.

(Blecaute. As luzes vão aumentando de resistência. Marcus e Beatriz estão dormindo, sentados no sofá da sala. Toca a campanha. Marcus acorda e vai atender no lado esquerdo).

Marcus: *(fora de cena)* Como você demorou, cara. *(surpreso)* Pai? *(entra Giorgio com Marcus atrás. Giorgio chorando)*

Aconteceu alguma coisa com a mamãe? (*Giorgio abraça o Marcus*) Pai, o que foi?

Beatriz: (*acorda*) O que aconteceu, Marcus?

Marcus: Não sei, meu pai não fala nada.

Giorgio: Aconteceu uma tragédia, Marcus.

Marcus: Com a mamãe?

(*Giorgio balança a cabeça dizendo que não. Marcus apavorado, corre pelo lado direito*)

Marcus: (*fora de cena*) Uma hora da manhã, Beatriz! Uma hora da manhã! (*assustado, volta para o Giorgio*) Pai, com o Renato não. Pelo amor de Deus! Pai, o que aconteceu?

Giorgio: Renato nos deixou, filho. (*Beatriz começa a chorar*)

Marcus: Isso não é verdade, pai. Estamos esperando que ele chegue. Vamos comer pizza, pai. Pai, o senhor não acredita? Olhe pai... Beatriz, pare de chorar...

Giorgio: (*abraça Marcus*) Sinto muito, filho.

Marcus: Pai? Como... isso aconteceu?

Giorgio: Ele capotou com o carro na marginal Pinheiros.

Marcus: (*silêncio*) A que horas foi isso, pai?

Giorgio: Pouco antes das seis horas da manhã, filho. Coragem, filho.

Marcus: (*chorando*) Não, não posso aceitar isso. Não... isso não pode ser verdade...

(*Começa a tocar a música Ave Maria. As luzes vão diminuindo de resistência. Blecaute. Uma voz de Marcus em gravação mostra o desespero*).

Marcus: (*off, gravação*) Isso não pode ser verdade, pai. Não, pai. Não. Pai, não consigo ficar em pé. Pai, peça para essas mulheres pararem de rezar. Tire o Renato dali, seu Júlio.

Aquilo é um caixão. Ele não está morto. Nós vamos comer pizza. Pai, pai, é o Renato que está no caixão! O senhor viu? Não é ele, pai. Todos vocês estão me enganando. Deus! Deus! Pai, quero ser enterrado junto com ele. Logo estarei com você, cara. Renato, levante daí. É o seu alemãozinho que está aqui. Eu amo você, cara. Eu amo você. Não quero mais viver, pai. *(pausa)* Não sei por que Deus fez isso com a gente, cara... essa vida não presta, Renato. Agora que tudo estava dando certo... sabe, Renato, sei que fiz um monte de besteiras, mas nunca deixei de amar você. O meu amor por você é eterno, e não vai ser essa droga de morte que vai nos separar... eu amo você, cara. Eu amo você... Daqui a pouco vão levar você para longe de mim, mas o que eles não sabem é que o seu coração vai ficar guardado para sempre dentro do meu peito. Nunca mais terei ninguém, cara. Renato, até que a gente possa se encontrar de novo... nós vamos escolher a Lua como um elo entre nós... todas as vezes que eu precisar falar muito sério com você, cara, estarei olhando para ela. Tchau, cara. Tchau...

(Foco de luz. Renato sozinho, olhando para cima. Depois olha para a platéia).

Marcus: Meus pais se separaram poucos meses após a morte do Renato. Beatriz e o meu filho Rafael moram com minha mãe e eu com meu pai. Me sinto feliz por ter um filho - levo o Rafael todos os Domingos para passear -, mas desde aquele triste acidente de carro, vivo apenas por viver. Não existe nada na Terra capaz de arrancar esse vazio do meu peito. A saudade é pior coisa do mundo. Aos sábados à noite, geralmente converso com a Lua e, quando isso

acontece, de frente à capela da família Assunção, espero o nascer do dia, sempre com uma dúzia de cravos brancos e uma rosa amarela nas mãos. Sentado nos degraus, divido com o orvalho frio da manhã o silêncio eterno da minha alma. Caminhando pelas estreitas alamedas do cemitério, espero por um milagre que nunca aconteceu. O silêncio da morte é enorme. O do meu coração, maior ainda. (*Blecaute*).

FIM DO TERCEIRO ATO.

(*Abaixa os panos*)

FIM.